

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PÓS - GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O INTEGRALISMO E O TEUTO - BRASILEIRO:
JOINVILLE - 1930-1938

LAUCÍ APARECIDA CAVALETT

Florianópolis

1998

LAUCÍ APARECIDA CAVALETT

O INTEGRALISMO E O TEUTO-BRASILEIRO

JOINVILLE : 1930-1938

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós - Graduação em História do Brasil Meridional da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Professor Orientador : Dr. João Klug.

Florianópolis

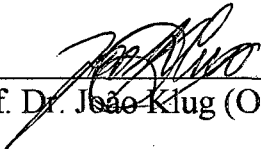
1998

O INTEGRALISMO E O TEUTO-BRASILEIRO : JOINVILLE 1930-
1938

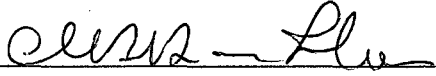
LAUCÍ APARECIDA CAVALETT

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do
título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

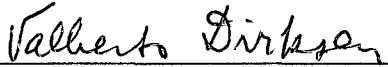
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Klug (Orientador)



Prof.^ª Dr.^ª Maria Bernardete Ramos Flores



Prof. Dr. Valberto Dirksen

Florianópolis, 03 de abril de 1998

“Uma explicação é sempre algo incompleto: sempre podemos suscitar um outro porquê. E esse novo porquê talvez leve a uma nova teoria, que não só ‘explique’, mas também corrija a ‘anterior!’”

(Karl .R. Popper)

Para Alceu, com carinho.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa, e, ainda que eu não tenha citado todos os nomes, antecipo meu sincero agradecimento.

Entre elas, as professoras Joana Maria Pedro e Maria Benadete Ramos Flores, as quais incentivaram-me a prosseguir o projeto de pesquisa que iniciei no curso de Especialização em Itajaí, na Univali.

O convite das mesmas para que eu pudesse ser aluna especial no curso de pós-graduação em Florianópolis, permitiu-me acreditar e realizar este trabalho.

Ao professor Valberto Dirksen, que acompanhou e orientou o início da pesquisa.

Aos funcionários do Departamento de Pós-Graduação de História, pela disponibilidade, paciência e ajuda em todos os momentos.

Aos professores Adriano, Élio e Artur, pelas observações e incentivo.

Aos amigos que se fizeram presentes em todas as ocasiões.

Ao professor João Klug, mais que um orientador, um amigo, cuja paciência e orientação tão cuidadosa, foi essencial.

À minha família, pela compreensão e incentivo nas horas estressantes.

Ao CNPq., pelo incentivo financeiro para a realização e conclusão desta dissertação.

E a professora Ana Márcia, pela disponibilidade e atenção na revisão final do texto.

A todos, obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
1. BREVE ABORDAGEM SOBRE A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL.....	07
2. A CRISE SÓCIO - POLÍTICA DA DÉCADA DE 30	16
3. A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA: DOS PROTOCOLOS E RITUAIS	22
3.1. O chefe nacional : o nascimento de um movimento.....	30
4. O INTEGRALISMO E O TEUTO-BRASILEIRO NO CENÁRIO POLÍTICO CATARINENSE.....	44
5. INTEGRALISMO E NACIONAL-SOCIALISMO EM SANTA CATARINA.....	55
6. FUNDAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO NÚCLEO INTEGRALISTA JOINVILENSE. ...	66
6.1. O Integralismo no contexto joinvilense: identidade teuta ?	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
ANEXOS	94

RESUMO

Este trabalho propõe-se a analisar nos anos de 1930 a 1938, a organização e articulação política do Integralismo em Santa Catarina, percebendo as condições e características político-ideológicas que tornaram possíveis os apelos integralistas junto à população joinvilense. O primeiro capítulo apresenta uma breve abordagem sobre a colonização alemã no sul do Brasil, especificando a atuação sócio - política dos imigrantes e seus descendentes em Joinville. O segundo capítulo versa sobre a organização dos movimentos totalitários europeus, também vivenciados na América Latina - em especial, no Brasil, cujas idéias autoritárias passaram a ganhar impulso nos anos 20, fortalecendo-se na década de 30, quando ocorre a criação da Ação Integralista Brasileira (A.I.B.) em 1932. O terceiro capítulo discorre sobre a A.I.B., no que concerne aos protocolos e rituais, apresentando as idéias integralistas, bem como o apelo ao pensamento político-ideológico integralista. O quarto capítulo versa sobre o contexto político-catarinense face às idéias nazi-fascistas e a inserção teuta na política catarinense. O quinto capítulo analisa o Integralismo e o Nacional-Socialismo em Santa Catarina, e o sexto capítulo aborda a organização e fundação do núcleo integralista em Joinville, buscando perceber a participação da população joinvilense nas eleições municipais de 1936, cujo resultado eleitoral culminou com a vitória integralista.

ABSTRACT

This work will analyze from the years 1930 to 1938, the political organization and articulation of the Integralism in Santa Catarina, realizing the ideologist-political conditions and characteristics that made the integralist appeals possible through the Joinville people. The first chapter presents a short abordage about the German colonization in the south of Brazil, specifying the political-social acting of the immigrants and their descendants in Joinville. The second is about the organization of the European totalitary movements, that also happened in Latin America – specially in Brazil, where the authoritarian ideas started gaining an impulse in the 20's, fortifying in the 30's, when the Brazilian Integralist Action was created, in 1932. The third chapter talks about the Brazilian Integralist Action, the protocols and rituals, presenting the integralist ideas, as well as the appeal to the integralist ideologist-political thoughts. The fourth chapter is about the Santa Catarina political context face to the nazist-fascist and the Teutonic insertion in the Catarinense politics. The fifth chapter analyzes the Integralism and the National-Socialism in Santa Catarina, and the sixth chapter approaches the organization and foundation of the Joinville integralist center, trying to realize the participation of the Joinville people in the municipality election in 1936, which electoral outcome showed the integralist victory.

INTRODUÇÃO

O Integralismo, consolidado através da criação, em 1932, da Ação Integralista Brasileira (A.I.B.) por Plínio Salgado, difundiu-se por todo o estado brasileiro, e, em especial, nas regiões de colonização alemã e italiana no sul do Brasil.

Em Santa Catarina, o apelo ao pensamento político-ideológico integralista junto à população teuto-brasileira, determinado pela simpatia ou oposição aos fascismos europeus foi fator primordial para o desenvolvimento deste estudo.

O interesse pelo tema em Santa Catarina deve-se ao apelo do pensamento político-ideológico¹ integralista junto à população joinvilense, bem como à importância que o tema possui na história social e política catarinense.

Este apelo apresenta-se através do discurso simbólico denominado por LENHARO², de dispositivos discursivos de propaganda, que se manifestam no imaginário social, com elementos que se fortalecem através da divisa do movimento: *DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA*. Segundo o autor, o discurso viria atender a finalidades políticas, atingindo o público receptor.

CHAUÍ, ao estudar o discurso integralista, observa o porquê da insistência com que os integralistas operavam com imagens, cujos símbolos, gestos e até mesmo o

¹ Cf. CHAUÍ, Marilena.(a) **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 113 - No sentido amplo, Ideologia é o conjunto de idéias, concepções ou opiniões sobre algum ponto sujeito a discussões. Abordaremos Ideologia, “[...]como um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar[...].”

cumprimento, trazia todo um ritual que excluía a reflexão e criava a ilusão do conhecimento, graças ao seu aspecto ordenador.³

Nesse contexto, a problemática dá-se a partir das seguintes questões:

- a) Qual a natureza ideológica do Integralismo e como estas idéias adentram em Santa Catarina?;
- b) de que maneira se constrói o discurso da A.I.B., junto à população joinvilense, para tornar possíveis os apelos integralistas?

A temporalidade histórica delimitada entre os anos de 1930 e 1938 deve-se à organização dos movimentos totalitários europeus vivenciados também na América Latina a partir dos anos 20.

Este nacionalismo constitui-se na atmosfera intelectual que vai modelar posteriormente o pensamento do Chefe integralista, cujas idéias autoritárias levaram à instalação da Ação Integralista Brasileira, bem como do Partido Nacional Socialista Alemão(NSDAP) em Santa Catarina.

Além disso, na década de 30, quando as articulações político-ideológicas manifestam-se para fundamentar a existência de um Estado forte, o qual levou ao poder Getúlio Vargas, há concomitantemente, a criação de um imaginário social que se utiliza de gestos, imagens e valores, como instrumentos para a consolidação de poder e dominação das classes sociais, preconizando, também, os valores cristãos que se mantêm atuantes, principalmente no Estado Novo.

² LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas, Papyrus, 1986, p.21.

³ CHAUI, Marilena ; FRANCO, Marina S. Carvalho.(b) **Ideologia e Mobilização Popular**. São Paulo/Rio de Janeiro, CEDEC/Paz e Terra, 1979, p.46

Neste cenário construído, a A.I.B. utiliza-se dos apelos político-religioso-sociais, para convencimento e fortalecimento da prática integralista, justificando a necessidade deste movimento como o agente que transformaria a sociedade e as regras vigentes.

Trazendo como bandeira, o lema *Deus, Pátria, Família*, que será constantemente trabalhado neste imaginário, principalmente no que concerne às normas e condutas morais, as quais são ‘defendidas’ e apropriadas como meio de convencimento e assimilação, Plínio Salgado torna-se o Chefe Nacional do Movimento, que posteriormente, transforma-se em partido político.

O período de gestação do Estado Novo que se apresenta nos anos 30, e que culmina com o golpe de 1937, é revestido de um caráter autoritário, intervencionista e nacionalista em relação ao conjunto da sociedade. A caracterização deste pensamento implica na força propulsora do imaginário social das idéias européias que originaram os totalitarismos.

Paralelo à fascistização⁴ do país e a subsequente ditadura do Estado Novo em 1937, delinea-se o Integralismo.

A importância do Integralismo neste estudo recai nas próprias dimensões sócio-políticas que alcançou o movimento. Isso tudo - que se articula como formações imaginárias - pode ser analisado na relação existente entre as formações discursivas e a formação ideológica dominante.

Nesta perspectiva sócio-política, pretendemos apontar para o fato de que as interpretações em si, são variáveis, e, que dependendo do ângulo em que são expostas, recebem interpretações distintas, porém não contraditórias.

⁴ BOBBIO, Norberto [et al.]. **Dicionário de Política**. 7.ed. Brasília: UNB, 1995, p.466. O Fascismo será abordado como um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal de colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo.

Refletir sobre a história de Joinville, é uma tentativa de contribuir para a possibilidade de novos estudos que enriqueçam a historiografia catarinense.

1. BREVE ABORDAGEM SOBRE A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL

Observa-se que o perigo alemão exteriorizado pelo eco nacionalista não poderia ser caracterizado somente como resultado do contexto internacional em que se encontrava o mundo capitalista. Sua origem dá-se no século XIX, cuja efervescência ocorre na primeira guerra mundial.

A imigração vem como resposta à fome, ao desemprego e à esperança de buscar em outros lugares, o que não conseguiam mais obter na Europa. Conforme FOUQUET, além disso desejava-se ainda “[...]o aproveitamento de suas capacidades, bem como manter-se naquilo que desempenhavam, buscando a resolução de seus problemas na emigração”.⁵

A preferência do alemão em relação às demais etnias, deve-se, em parte, pelo próprio elevado fluxo imigratório, impondo-se ainda, observa LENHARO, a questão da orientação sangüínea: “[...] aos alemães, não são negados rasgados elogios pelo vigor de sua raça”⁶.

Considera-se ainda, a questão da necessidade de posse, demarcação e segurança das terras, que contribuiu para a inserção deste grupo no Sul do Brasil, resultando em fator estratégico no incentivo à imigração. E sob uma ótica estrategista, organizaram-se as Colônias Oficiais, fundadas e tuteladas pelo governo central.

Ao final da primeira metade do século XIX, o processo imigratório intensificou-se, e, em Santa Catarina, de acordo com KLUG, “[...] fundaram-se, entre outras, as colônias

⁵ FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo : Instituto Staden, 1974, p.67.

⁶ LENHARO, op. cit., p. 113.

de Piedade e Santa Isabel em 1847; Leopoldina em 1852; Teresópolis em 1860, cuja população, em sua maioria, eram camponeses.⁷

Blumenau foi fundada em 1850; Joinville em 1851 e Brusque, em 1860. Estas colônias caracterizaram-se por uma nova etapa: a da iniciativa privada, as quais eram resultantes da venda ou doação de terras, pelo governo a empresários, chamadas colônias particulares, tuteladas pelo Estado.

No que se refere a Joinville, que antes fôra denominada Lugarejo de Schroeder e/ou Colônia Dona Francisca, sua fundação também está relacionada com as transformações sócio-políticas por que passou a Europa, especificamente, ligada ao exílio do rei Philippe da França e sua família.

A colônia Dona Francisca foi estabelecida em 1851, pela Sociedade Hamburguesa de Colonização, (a Hamburger Kolonizationsverein, fundada em 1849), nas terras que o príncipe François Ferdinand Philippe, terceiro filho do rei Luiz Felipe, recebeu como dote ao casar-se em 1843 com a princesa Dona Francisca Carolina, irmã de D. Pedro II. Em consequência das dificuldades financeiras de sua família, decidiu vender parte do seu patrimônio herdado como dote de casamento.

Das 25 léguas recebidas e situadas na Província de Santa Catarina, em 1843, e, demarcadas em 1846, 08 léguas seriam cedidas através de contrato com a Sociedade Hamburguesa de Colonização. Após as negociações feitas entre Mathias Schroeder e o procurador Léonce Aubé, a documentação foi concluída e lavrada em 05 de maio de 1849.

A particularidade dessa colônia em relação às demais, refere-se aos imigrantes.

⁷ KLUG, João. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina** – A comunidade alemã de Desterro. Florianópolis: Papa Livro, 1994, p.35-36

Muitos deles apresentam profissões diversas, são marceneiros, sapateiros, pedreiros e tecelões. A partir de setembro de 1851, chegam mais imigrantes, os quais, segundo FICKER,

[...] não representavam o tipo de colono comum sem recursos e sim uma seleção de homens cultos[...]entre eles figuravam 08 oficiais com grau de universidade, 02 engenheiros diplomados, 01 médico, 01 doutor em Direito, 02 candidatos a teólogo, 01 professor, 05 comerciantes, 02 jardineiros e 02 açougueiros [...]chegavam a Joinville com dinheiro, adquirindo em seguida os seus lotes e [...] exercendo forte influência em toda a colônia.⁸

Proprietário de navios e comerciante no século XIX, Schröder direcionava seus negócios ao comércio marítimo. Pretendendo ampliar e diversificá-los, idealizou a implantação de uma colônia no Brasil. Para TERNES,

O projeto[...] para a colônia na Província de Santa Catarina foi muito audacioso.[...] Assim, idealizou a implantação da “maior colônia agrícola da América do Sul”. Os preparativos começaram de imediato, inclusive com a obtenção de favores do governo imperial brasileiro, afinal conseguidos em 15 de maio de 1850.⁹

Porém, o projeto de Schroeder não se realizou de imediato, pois dos dez primeiros imigrantes que chegaram para a demarcação e preparação das terras, poucos puderam fazer alguma coisa. Aliás, essa situação inicial ficou conhecida como o caso Günther¹⁰.

Em meio às dificuldades, a colônia foi se desenvolvendo, embora o sonho de Schröder em torná-la a maior colônia agrícola jamais se concretizaria. Parte da falência desse sonho refere-se ao aspecto geográfico. A colônia fôra instalada na parte mais baixa e

⁸ FICKER, Carlos. Apud TERNES, Apolinário. **História de Joinville: uma abordagem crítica**. Joinville : Mayer, 1984, p. 111.

⁹ TERNES, Apolinário. **História de Joinville: uma abordagem crítica**, Joinville : Meyer, 1981, p. 16.

¹⁰ Este caso será comentado a seguir. cf. RODOWICZ, Theodor Oswiecimsky. **A colônia Dona Francisca no sul do Brasil**. Florianópolis: UFSC- FCC;Joinville: FCJ, 1992.

úmida da área que lhe foi destinada. Os caminhos estavam sempre molhados, a lama era freqüente, e as doenças tropicais atingiam constantemente os colonos.

A expansão dessa e de outras colônias no sul do Brasil desencadearam uma série de estudos apologéticos e/ou acusatórios por parte de viajantes e autores brasileiros, que, simpatizantes ou descrentes, passaram a defender posições contraditórias sobre as mesmas.

Assim, a imigração alemã e seus descendentes assumem, por ora, uma configuração elogiosa e exaltada por suas realizações no setor econômico, caracterizado pela modernização da região.

Alguns recortes que seguem, selecionamos com o intuito de associar, posteriormente, de que maneira o Integralismo penetrou em Joinville, onde, na década de 30, foi fundado um dos núcleos da A.I.B. em Santa Catarina.

Referenciando as impressões de um viajante brasileiro sobre as colônias de Santa Catarina, BERLINCK destaca que “[...]nas colônias de São Bento, Joinville, Blumenau [...] reinava uma grande abundância de alimentos, difícil de ser imaginada mesmo pelas populações paulistas”.¹¹

Dentro desta mesma configuração elogiosa, FICKER frisa as narrativas de um viajante brasilianense (sic), que, em 1858 esteve na colônia Dona Francisca (Joinville): “[...]muito me chamou a atenção a ordem existente na colônia. Na sua maioria, os terrenos já tem casa [...] é o ponto central de toda colônia e daqui partem excelentes estradas em várias direções”.¹²

Entretanto, há que se pensar nas palavras de RODOWICZ, que em fins de 1851, comentava sobre o local que havia sido escolhido para fundar a colônia Dona Francisca, dizendo que a mesma não fôra estabelecida num local de fácil acesso e próxima a cidade

¹¹ BERLINCK, E. L. **Fatores adversos da formação brasileira**. São Paulo, s.ed., 1954, p.219.

¹² FICKER, Carlos. A Administração de Léonce Aubé: 1855-1860. in: **História de Joinville**. Joinville : Ipiranga, 1964, p.201.

de São Francisco do Sul, ou pelo menos “[...] em ponto mais salubre [...] teria que se andar até meia canela dentro d’água e lama, para alcançar a terra firme.”¹³

E isto ocorreu, segundo RODOWICZ, devido a incompetência do agrimensor Günther, que havia sido contratado pelo senhor Schröder para organizar e preparar a colônia para receber os colonos que chegariam a partir de 1851.

Segundo os relatórios que Günther enviava, bem como pelas verbas que o mesmo pedia, parecia que tudo estava pronto para receber os colonos. O que realmente não ocorreu, pois, com a chegada da embarcação Colon, os imigrantes encontraram apenas uma picada, que “[...] partindo do local do desembarque, ia até o edifício que servia de armazém, mais um rancho para recebimento dos colonos, a casa de Günther e um casebre do colono que o acompanhou¹⁴”.

Existem muitas obras que exaltam as colônias economicamente, principalmente as que se referem a Joinville, como por exemplo, a obra de OBERACKER JR:

[...]a colonização teuta diferia essencialmente da portuguesa [...] A colonização alemã era e ainda é a penetração lenta e sistematizada na mata virgem, que é transformada em paisagem de cultura [...] o que, de modo geral, não se pode assegurar da portuguesa.¹⁵

Mas no que tange aos aspectos sócio-político-culturais dos colonos e seus descendentes, emergem falas, que, através de uma imagem nociva e hostil, traduzem um tom acusatório, principalmente no que diz respeito à participação dos mesmos na vida política brasileira.

Na primeira fala, há uma pequena parcela que defende os interesses brasileiros e confere aos alemães e seus descendentes um excesso de envolvimento político.

¹³ RODOWICZ, op.cit., p. 18 e p. 38.

¹⁴ RODOWICZ, op. cit., p. 16

¹⁵ OBERACKER JR, Carlos H. A colonização germânica. In: *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. Rio de Janeiro : Presença, 1968. p. 310-11.

Sob o título “Um Estado no Estado”, o jornal carioca *Gazeta de Notícias*, em setembro de 1896 “[...] publicava que a grande maioria dos cargos públicos em cidades como Joinville e Blumenau, foram conquistados [...] “pelos alemães” muitos dos quais não fallam absolutamente a língua nacional”.¹⁶

Já a fala hostil, bem mais difundida que a primeira fala, atribui a essa população teuta, um perigoso desinteresse pela realidade brasileira, acusando os alemães e os teuto-brasileiros aqui residentes, de negarem o Brasil como sua pátria.

MOOG, em seu romance “*Um rio imita o Reno*”, atribui ao industrial Karl Wolf, um brasileiro de nascimento, o seguinte pensamento: “[...] em que poderia interessar-lhe aquela conversa sobre política nacional, a ele que vivia de olhos voltados para os problemas europeus?”¹⁷

Dentro da mesma realidade, surgem autores alemães e teuto-brasileiros que, visando a defesa da cultura alemã e sua identidade étnica, lamentavam a omissão política dos mesmos: “[...] exatamente esta que é a nossa desgraça: que a maioria dos colonos alemães não se interesse pela política no Brasil.”¹⁸

Todavia, OLIVEIRA¹⁹ informa que nos primeiros cinquenta anos de sua existência, em Joinville os nomes que figuravam no cenário político-econômico eram, basicamente, nomes alemães e/ou de origem. HERKENHOFF indica exemplos desses nomes, os quais atuaram como Presidentes da Câmara Municipal, e, entre eles:

Johann Adolph Haltenhoff nascido no reino de Hannover, que atuou como Presidente da Câmara Municipal de 1869 a 1873; Friedrich Lange, nascido no Ducado de Schleswig, assumiu no lugar de Johann Haltenhoff, em 1873, dada a precariedade de sua saúde:

¹⁶ TERNES, op. cit., p. 146. (sem grifo no original).

¹⁷ MOOG, C. Vianna, *Um rio imita o Reno*, Porto Alegre: Globo, 1939, p.85.

¹⁸ KAHLE, Maria Siedler. Am Itajahy. Die Geschichte Einer Deutsch Brasilianischen SIPPE - n.t.: *Colonos do Itajai*. História do grupo étnico Teuto-Brasileiro.- Reutlingen, Ensslinn 7 Laiblin, 1940, p. 43. Apud GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. Germanismo - Nazismo - Integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 32

¹⁹ OLIVEIRA, Carlos Gomes de. Da colônia Dona Francisca a cidade dos príncipes. Apud *INTEGRAÇÃO: Estudos Sociais e históricos - Joinville / Santa Catarina*. Florianópolis, Canarinho, 1984, p.98ss.

Ottokar Doerffel, nascido Waldenburg, no então Reino da Saxônia, que além da sua atuação política de 1874 a 1876, também fundou o “Kolonie-Zeitung” (Jornal da colônia), um dos primeiros jornais editados em língua alemã no Brasil; August Stock, nascido em Haunichen, no então Reino da Saxônia, foi presidente a partir de 1877 a 1880; Johann Paul Schmalz, nascido em Nidau, Suíça, que atuou na Câmara Municipal a partir de 1883 a 1887; Frederico Brüstlein, nascido em Mulhouse, Alsácia, atuou de 1887 a 1890, porém foi substituído por Albert Julius Kroehne, este último, nascido em Waldenburg, devido as faltas constantes de Brüstlein, o qual viajava constantemente à Europa.²⁰

Entretanto, a partir da República, ocorre um refluxo político-econômico dessa população germânica, face a elite luso-brasileira que, através do comércio, da produção ervateira, do compadrio familiar, passam a promoverem-se no palco político, como forma de auto-preservação em relação ao grupo germânico, como observa UNGER :

Assim, de 1889 até 1894, situam-se como presidentes da Câmara, os senhores: Ernesto Canac; Abdon Batista e João Paulo Schmalz. E, nos anos seguintes, nomes [...] como os [da família] Batista; Machado da Cruz; Lobo; Maia; Oliveira; Cercal; Moreira; Macedo e Ribeiro alteram-se ou evidenciam-se paralelamente aos [de] Canac; Lepper; Richlin; Lasperg; Stoch; Schlemm; Böehm; Stamm; Vogelsanger; Stein; Schwartz e Döhler.²¹

A partir de 1920 até 1940, torna-se novamente incisiva a atuação do elemento étnico germânico em Joinville, causando um retrocesso político-econômico na elite luso-brasileira.

Embora não se tenha registro de um partido basicamente teuto-brasileiro, que expressasse unicamente os interesses étnicos, o fato é que as relações entre o Governo Estadual e a população germânica, afirma GERTZ, “[...]prescindiam de instâncias

²⁰ HERKENHOFF, Elly. **Joinville, nossos prefeitos - 1869-1903**. Joinville: Fundação Cultural /Arquivo Histórico de Joinville.

²¹ UNGER, Beatriz Garcia. **Joinville: uma ideologia em marcha**.(Monografia em História da América) Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná, 1989).

mediadoras.[...] A ampla participação dos teutos na vida política no mais alto nível não permite que se visse no governo estadual uma entidade estranha.”²²

O imaginário social se assenta no simbólico, e a sua existência implica a adesão a um sistema de valores e a um sistema de regras que se remetem à estruturação das forças efetivas que atuam sobre o conjunto da vida social.

Isto possibilita-nos associar alguns dos elementos que contribuíram para a preservação do *Deutschtum*. Estes, em sua maioria, ao zelarem pela educação dos seus filhos, criaram e dirigiram as *Deutsche schulen* (escolas alemãs).

Tais escolas não surgiram apenas por motivos étnicos. Segundo SEYFERTH, deve ser lembrado que “[...]o governo brasileiro não deu maior atenção à questão do ensino e, o que é mais grave, ao ensino primário, nas regiões povoadas por imigrantes.”²³

Apresentando seus padrões de cultura através da preservação de seus jornais, de suas escolas e de seu idioma, as colônias vão se caracterizando como cidades visivelmente ‘germânicas’, a exemplo de Blumenau e Joinville. Esta última, denominada por TERNES, um “*Estado dentro do Estado*,” ou seja, o fortalecimento de uma comunidade essencialmente competente em termos de convivência social fechada sobre si mesma.²⁴

A síntese do pensamento étnico Teuto-Brasileiro é expressa pela palavra *Deutschbrasilianertum* (“germanismo teuto-brasileiro”), a qual SEYFERTH aponta como ponto fundamental à concepção de nacionalidade concebida pelo direito de sangue. Nesse caso, a identidade étnica ou nacional é dada pela origem e atualizada através de certos elementos culturais como: a língua materna, a capacidade de trabalho, o conhecimento de suas tradições, como o folclore e a participação nas atividades das associações.

²² GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil - Germanismo, Nazismo, Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 55.

²³ SEYFERTH, Giralda.(a) *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília : UNB, 1990, p. 82.

²⁴ A expressão um “Estado dentro do Estado” foi citada por TERNES, Apolinário. A consolidação de um status/ A Elite do começo do século. in: *História Econômica de Joinville*, ACIJ, 1986, p.78-9). Os traços culturais e espirituais trazidos da Europa pelos imigrantes germânicos se fortaleceram, ampliando as diferenças com a comunidade luso-brasileira aqui existente, entre 1880 a 1920.

Logo, para os defensores do *Deutschtum* o excesso de envolvimento político significava colocar em risco sua etnia e a própria preservação do germanismo. Por outro lado, o abstencionismo político significava a inatividade dos alemães e teuto-brasileiros na defesa da cultura germânica em público, diante da sociedade brasileira.

A predominância da cultura alemã, a instituição dos partidos políticos Integralista (A.I.B.) e Nacional-Socialista Alemão (NSDAP), o fechamento dos mesmos em 1937, e a entrada do Brasil na segunda guerra mundial, geraram enormes reflexos na população germânica, especialmente em Blumenau e Joinville, culminando em 1938, com o impacto imposto pela Campanha de Nacionalização.

2. A CRISE SÓCIO - POLÍTICA DA DÉCADA DE 30

A intenção de compreender o Integralismo em Santa Catarina, refletido no elevado grau de expansão do movimento nos municípios de colonização alemã e italiana, bem como o contexto nacionalizante em que estes municípios se viram reduzidos, a partir de 1937, recomenda uma investigação da situação sócio-política pelas quais passaram estas populações, necessitando retroceder, muitas vezes, além do espaço/tempo delimitados inicialmente.

A análise da mutação por que passa a sociedade brasileira na década de 20,²⁵ se faz necessária para a compreensão do itinerário político- ideológico do chefe integralista e das transformações que precedem a Revolução de 30, em cujo contexto nascerá a A.I.B.²⁶

A importância da mudança econômica na década de 20 decorre do fato de que ela representa a transição de uma economia baseada na exportação dos produtos primários para uma economia que se industrializa progressivamente, embora a atividade econômica do pós-guerra ainda esteja ligada à exportação do café, o marco divisório na crise de 1929.

Assim, no final da década de 20, segundo FURTADO, “[...]o polo dinâmico da economia se desloca na direção do mercado interno, reforçando o desenvolvimento industrial e urbano”²⁷.

²⁵ Embora não seja meu objetivo estudar especificamente as transformações sócio-políticas nos anos 20, busco nesta década, subsídios para a análise do Integralismo nos anos 30 e seu discurso junto à população joinvilense.

²⁶ TRINDADE, Héliogio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. 2.ed. São Paulo: Difel, 1979, p.19-20 - Um dos traços da evolução ideológica do pós- guerra é a retomada do nacionalismo. A reconciliação dos intelectuais com a realidade do país revela-se simbolicamente com a publicação de “Os Sertões”, em 1902, de Euclides da Cunha. Após esta obra, rompem-se as barreiras à plena afirmação do Nativismo Brasileiro.

²⁷ FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. Rio de Janeiro : Fundo de Cultura, 1959, p.29.

O contexto compreendido entre as duas grandes guerras mundiais foi fator determinante no conjunto dos fatores sócio-político-econômicos, nas novas relações dos grupos sociais com o Estado.

A vitória dos aliados parecia significar o triunfo da Revolução Democrática. O mundo se depararia com uma profunda crise. A chamada crise da democracia liberal, bem como a decadência dos sistemas políticos europeus.

Na esfera de contestação da ordem capitalista e burguesa, tem-se o florescimento dos regimes autoritários e totalitários. Dos escombros destes antigos impérios, emergiram e/ou reconstituíram-se novos Estados.

Os custos da 1ª guerra e as transformações ocorridas iriam representar um grande abalo nas estruturas políticas, em detrimento da democracia. REMOND indica que “[...] a guerra e a inflação conjugadas precipitaram evoluções, acentuaram desigualdades ou disparidades, acusaram discordâncias e envenenaram relações.”²⁸

Assim, com o fim da guerra, modificou-se também o papel dos Estados. O caos econômico e o desordenamento das relações sociais acentuaram ainda mais as crises das instituições parlamentares, levando os governos a intervirem politicamente.

A necessidade de um Estado forte intensificou-se diante do aparecimento/fortalecimento de novas forças sociais organizadas, como por exemplo, os sindicatos e os agrupamentos profissionais que, diante da necessidade e interesses, projetaram-se frente ao Estado.

A situação do modelo econômico-social que, entre os anos de 1925-29, apresentava-se como recuperada do conflito da 1ª guerra, tornou-se fragilizada com o Crash da Bolsa de Valores de New York, em 1929.

²⁸ RÉMOND, René. *O Século XX : de 1914 aos nossos dias*. 2. ed. São Paulo : Cultrix, 1974, p. 38.

Este colapso ocasionaria em 1930, direta ou indiretamente, o desregramento da ordem capitalista, quer seja através da inflação, superprodução, quer seja na redução de preços e fragmentação das economias e falência das empresas.

A crise econômico-social passou a ser confundida com o próprio modelo político, abalando a confiança nas instituições democráticas. A intervenção do Estado é apresentada como solução à superação da crise. Nesta conjuntura, a democracia sofre o impacto do autoritarismo, estabelecendo-se entre as décadas de 20 e 30, a escalada das ditaduras.

Para VESENTINI, “A revolução de 1930, foi, na verdade, o mais amplo e o mais popular dos movimentos históricos republicanos, porque, na sua complexidade, continha apelos que atraíam ao povo brasileiro em conjunto e não a esta ou aquela classe ou região geográfica.”²⁹

A consolidação dos movimentos de orientação nazi-fascistas e a tensão político-ideológica entre a Alemanha, Itália, Rússia e Estados Unidos, refletiu no contexto internacional, e entre eles, seus correspondentes em 1930, no Brasil.

E através dos estudos que revisam 1930 enquanto fato histórico construído sob a ótica do vencedor, VESENTINI diz que 1930, enquanto fato, “[...] deixa de ser tema para transparecer realização coletiva e já dada.[...]”³⁰

A data de 1930 estabelecida como fato, visava dar legitimidade ao poder, apresentando sua origem no momento mítico de sua fundação. O que não seria necessário trabalhar em 1937. Segundo VESENTINI, “[...] a utilização do fato mítico da Revolução de 1930 [...] permite que 1937 se apresente como revolução acabada e da qual tomará de empréstimo sua origem mítica de fundação.”³¹

²⁹ VESENTINI, Carlos Alberto. *A teia do fato*. São Paulo:Hucitec,1997, p. 102

³⁰VESENTINI, op. cit., p. 190-1.

³¹ _____ . *A instauração do tempo e a (re) fundação na história*. Apud. LENHARO, op. cit., p. 14.

Nesse cronotopo³², o mundo se depararia com uma de suas mais profundas crises, florescendo aí, os regimes autoritários e totalitários, afetando também o cotidiano do Teuto-Brasileiro.³³

O Estado pós 30, na reestruturação e legitimação de seu contexto histórico, adotou o papel de aniquilador dos vários movimentos revolucionários, ao mesmo tempo em que encampou na totalidade de seu conteúdo sócio-político o papel de absorvedor social da classe operária, reestruturou-a, como forma de controlá-la.

Um movimento expressivo nasceu nos anos 30, quando em outubro de 1932, logo após a Revolução Constitucionalista, Plínio Salgado e outros intelectuais fundaram, em São Paulo, a *Ação Integralista Brasileira* (A.I.B.).

O Integralismo, movimento político de caráter conservador e autoritário, se definiu como uma doutrina nacionalista, cujo conteúdo era mais cultural do que econômico.³⁴ FAUSTO aponta que a maior ênfase encontrava-se na tomada de consciência do valor espiritual da nação, assentado em princípios unificadores : *Deus, Pátria e Família*, o qual, aliás, era o lema do movimento.³⁵

A ideologia integralista é elaborada num período de crise. A mutação da sociedade brasileira que se acentua no pós-guerra engendra novas contradições entre as classes sociais³⁶.

³² cf. BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. A Teoria do romance. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1993. Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade[...]O transportaremos para o processo de assimilação do tempo, do espaço e do indivíduo histórico real que se revela neles. A interligação fundamental das relações temporais e espaciais, historicamente assimiladas, chamaremos cronotopo.

³³ Afetou também os italianos e seus descendentes, porém, este trabalho se delimitará à temática teuta, uma vez que a colonização joinvilense foi praticamente composta por elementos germânicos.

³⁴ Cf. TRINDADE, op.cit., p. 20ss - Dois elementos que permitem prever o nascimento da A.I.B. está no desejo de elaborar um pensamento novo, adaptados à realidade brasileira e a existência de uma pré-disposição para o engajamento, embora a solução fascista não se lhe afigure ainda como a melhor opção. Esta nova concepção deve buscar sua inspiração, sobretudo, na análise da sociedade nacional feita por autores nacionais.

³⁵ FAUSTO, Bóris.[org.] *O Brasil Republicano : Sociedade e Política - 1930-1964*. São Paulo : Difel, 1981, p. 353.

³⁶ TRINDADE define "classes médias" no Brasil dos anos 30, como sendo duas categorias sociais: a média burguesia dos profissionais liberais e oficiais das Forças Armadas (classe média superior), e a pequena burguesia dos pequenos proprietários urbanos e rurais, além dos burocratas dos setor público/privado (classe média inferior .)

As transformações das idéias no Brasil do pós- guerra,³⁷ segundo VEIGA, estão no centro da problemática política de Plínio Salgado, pois, com o fim das hostilidades na Europa e a reorganização econômica mundial, a nascente industrialização brasileira sofreu uma brusca freagem, com isso o capitalismo brasileiro entrou em crise.³⁸

VEIGA refere-se ainda como sendo reflexo desta crise, a inflação e queda do consumo, e as novas forças burguesas industriais presentes na sociedade brasileira.³⁹

Porém, é preciso lembrar que essa análise de Veiga sobre o Brasil entre as décadas de 1920 a 1930, aparece fragmentada, pontilhada por espaços em branco, pois, segundo DE DECCA,

Essa operação teórica já é bastante conhecida e consubstancia-se, via de regra, na exploração dos temas da revolução burguesa, da industrialização e do Estado autoritário, que estariam preenchendo os espaços em branco deixados em suspenso pelos próprios enunciados contidos nessa fato histórico.⁴⁰

O período que antecede a segunda guerra mundial foi marcado por crises sócio-políticas nas regiões de colonização alemã e italiana no Brasil. Segmentos internos passam a levantar a 'bandeira do nacionalismo', combatendo não apenas a Alemanha, como também os imigrantes e seus descendentes.

Nessa perspectiva, há que se pensar de que maneira o Integralismo surge e se configura para os teuto-brasileiros e como irá conciliar seu discurso nativista⁴¹ face à Campanha de Nacionalização.

³⁷ cf. VEIGA, Luiz M. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Scipione, 1992 - Até 1930, o presidente da República era escolhido pelas oligarquias. Esta política ficou conhecida como a Política do café com leite.

³⁸ _____, op. cit, p. 15.

³⁹ _____, op.cit, p.16. Embora este choque entre a oligarquia e as novas forças burguesas não fosse consciente e claro, começava a acontecer, nas palavras de Veiga, a busca de uma reordenação econômico-política no país.

⁴⁰ DECCA, Edegar S. de. **O silêncio dos vencidos**. Memória, história e revolução. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 49.

⁴¹ TRINDADE, op.cit., p. 22. - Em 1919, organizou-se no Rio de Janeiro, a Propaganda Nativista, uma sociedade de caráter eminentemente político, que proclamou ideais econômicos, sociais e políticos, cujos ideais estavam assentados em princípios como: a emancipação financeira e econômica do Brasil; nacionalização absoluta da imprensa; desenvolvimento das idéias republicanas e democratas [...] combatendo a influência da moderna civilização européia, restringindo aos estrangeiros os exercícios de cargos eletivos e empregos públicos, mesmo quando se tratasse de indivíduos naturalizados.

Portanto, é necessário que se aborde a primeira questão apresentada na introdução deste trabalho, quando nos referimos à formação da Ação Integralista Brasileira, buscando perceber qual a natureza ideológica do Integralismo.

3. A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA: DOS PROTOCOLOS E RITUAIS.

“Quando chegam ao poder, os movimentos passam a alterar a realidade segundo as suas afirmações ideológicas”.

(Hannah Arendt)

Os Protocolos e Rituais da Ação Integralista Brasileira tinham por finalidade, decodificar os dispositivos gerais de seus Regulamentos, os quais estabeleciam normas, fórmulas e usos que regulavam os atos públicos e os cerimoniais integralistas, bem como as honras, regalias, direitos e deveres relativos a todas as autoridades do Sigma⁴².

Atualmente, estas regulamentações também encontram-se reproduzidas em uma página da Internet. A *home page* sobre o Integralismo traz como objetivo principal, a pregação das idéias integralistas, afirmando que a retomada dessas idéias poderão transformar a situação política e econômica do Brasil. A *home page* pode ser acessada através das palavras *A.I.B.* ou *Integralismo*.⁴³

Fiquei surpresa ao deparar com tais informações, e, ainda que tenha procurado descobrir quem está engajando a propaganda, o que consegui obter foram apenas informativos com fotos e pregação do monitor integralista, cujos protocolos e rituais reportam-se a década de 30, embora afirmem que a retomada do movimento integralista poderá transformar o Brasil em uma sociedade melhor.

⁴² cf. SALGADO, Plínio (a) *A doutrina do Sygma*. São Paulo: Verde-Amarelo, 1935.

⁴³ Existem vários endereços eletrônicos para acessar a *home page* sobre o Integralismo: <http://www.i2.com.br/~sygma> ou ainda: <http://www.geocities.com/capitolHill/Lobby/8023/main.htm>; quanto ao endereço do e-mail: SYGMA@inet.com.br ou integralismo@geocities.com.

A apresentação dos protocolos e rituais integralistas, as recomendações de um movimento ocorrido há mais de sessenta anos, em uma página da Internet, instigou ainda mais à pesquisa a que nos propusemos.

No que concerné ao comportamento e orientação de vestimentas dos integralistas, na época, havia recomendações quanto ao uso das roupas e quanto ao comportamento dos integralistas, cujas regras, baseadas nas informações colhidas através do "*Monitor Integralista*" e da doutrina do Sigma, apresentamos a seguir.⁴⁴

a) **A CAMISA VERDE:** camisa simbólica de cor verde inglês, de colarinho pregado e preso por botões nas pontas; passadeiras com 6 cm. na base e 5 nas pontas que devem ser em semicírculo terminando a 1 cm. do colarinho; dois bolsos à altura do peito com pestanas retas abotoadas; no terço médio do braço esquerdo, um círculo branco com 9.5 cm de diâmetro, circundado por um vivo preto de 0.5 cm. de largura e sobre o campo branco um Sigma preto, cujas dimensões são de 7 cm por 6 cm. Gravata de tecido preto, liso, com laço vertical caída até próximo ao cinto.⁴⁵

Já o gorro era verde, da cor da camisa, de duas pontas com distintivo idêntico ao do braço, colocado do lado direito, com as seguintes dimensões: 4 cm para o diâmetro do círculo, 0.5 cm para o friso envolvente e 2 cm por 1,5 cm para o Sigma.

Calças pretas ou brancas. Cintos e sapatos, de preferência, pretos. Era proibido o uso de suspensório com a camisa verde. Era também proibido usar a camisa verde em desalinho ou com a manga arregaçada.

O Integralista militante, em constante atividade do Sigma, era designado pelo nome de "Camisa-Verde". As senhoras e senhoritas participantes das atividades do Movimento, eram chamadas "Blusas-Verdes".

⁴⁴ cf. BARROSO, Gustavo. **O que o integralista deve saber**. 4.ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1936.

⁴⁵ TRINDADE, p. 188-198. **Protocolos e Rituais** - Monitor Integralista.

Nos Distritos e Núcleos Rurais era permitido o uso da calça caqui. A camisa integralista deveria ser confeccionada, de preferência, com tecido de brim ou de algodão, de fabricação nacional. As mulheres usavam a camisa com saias pretas ou brancas, simples, sendo adotada também a blusa-verde, com a gola aberta e as mangas curtas; o chapéu deveria ser de fustão ou brim branco, com uma copa de seis gomos e uma aba de 6 cm pespontada, levando uma fita de gorgurão preto.

Os plinianos usavam a mesma camisa integralista, sendo a gravata substituída por um lenço branco com passador de couro ou de pano verde. A calça era branca ou azul, culote preto, com meias ou perneiras de couro ou lona; o casquete integralista deveria ser preto para passeio e chapéu para excursões e acampamentos.

O uso da camisa verde era absolutamente obrigatório para todos os Integralistas que ocupavam cargos no Movimento, quando no exercício do cargo ou presentes a qualquer reunião ou solenidade oficial da A.I.B.

Aos demais Integralistas era exigido o uso da camisa-verde nas concentrações e desfiles, ou quando a autoridade superior determinasse expressamente.

Todo Integralista era obrigado a ter sempre pronta, para ser vestida a qualquer momento, a sua camisa verde.

Sendo ela um símbolo do seu idealismo, todo Integralista deveria sentir orgulho de envergá-la. Mesmo viajando em caráter particular, precisaria conduzir na mala a sua camisa-verde.

Quando o Integralista envergava a camisa-verde, ficava expressamente proibido de tomar bebida alcoólica em lugares públicos, dançar, a não ser em casas particulares ou em festas, constituídas exclusivamente de integralistas e pessoas que tivessem ingresso entre os integralistas. Também era proibido participar de jogos de azar ou assisti-los, e não deveriam freqüentar cassinos ou lugares duvidosos. Essa proibição, estendida a todo

Integralista, trajando ou não camisa-verde, constituía uma falta de consciência para o paisano, e uma falta não só de consciência, mas disciplinar para aquele que estivesse usando o símbolo do Movimento do Sigma.

Caso um Integralista, encontrando-se de camisa-verde, fosse preso por prática de crime comum, não relacionado com o Integralismo, a recomendação seria a de pedir à autoridade, a permissão para despir a camisa-verde, a fim de que ela não entrasse também para a prisão e, quando a prisão fosse motivada por perseguição política, o Integralista poderia penetrar no cárcere com sua camisa, a menos que isso se opusesse a autoridade, que deve ser respeitada.

A camisa verde não era usada na semana do Carnaval. Sempre que no Regulamento se tratasse do uso obrigatório da camisa verde, subentendia-se que o uso seria sem paletó.

b) **O SIGMA**: era o sinal simbólico do Movimento Integralista. É uma letra grega que corresponde ao nosso "S" e indica soma. Leibnitz escolheu-a para indicar a soma dos finitamente pequenos. É o nome da estrela polar do hemisfério sul. Lembrava que o Movimento vinha no sentido de integrar todas as forças sociais do país na suprema expressão da Nacionalidade.

O Sigma maiúsculo foi preferido ao minúsculo por uma questão de estética :

c) **ANAUE**: Anauê é um vocábulo Tupi que servia de saudação e de grito para os indígenas. É uma palavra afetiva que quer dizer : "você é meu parente".

Como o Integralismo pregava ser a grande família dos Camisas-verdes e um Movimento Nacionalista, de sentido heróico, Anauê foi a palavra consagrada em louvor do Sigma. Era a aclamação da saudação integralista. Servia ainda para exaltar, afirmar, consagrar e manifestar alegria. Nas reuniões e solenidades integralistas, o Anauê coletivo que, em lugares públicos só seria dado quando houvesse mais de trinta pessoas, seria

provocado pela autoridade presente de maior graduação, ou, por sua delegação, da seguinte forma: (considere-se o caso de uma saudação ao Chefe Nacional) a maior autoridade, ou seu delegado, levantaria o braço direito e diria com voz forte e clara:

"Companheiros! Ao Chefe Nacional, três Anauês!"

Os Integralistas presentes levantavam o braço direito e bradavam, a uma só voz:

"Anauê! Anauê! Anauê!"

Para outras autoridades, seria dado um ou dois brados:

Anauê!

A exclamação Anauê era acompanhada do gesto integralista,⁴⁶ uma e outro se complementando simultaneamente na saudação, salvo as exceções previstas no Regulamento.

O Anauê poderia ser pronunciado nas marchas para maior vibração dos Camisas-Verdes, nos comboios em marcha e nos momentos graves de luta, como clarim de rebate e de vitória. Nesse último caso, não era acompanhado do gesto integralista e nos dois primeiros, regulando por um sinal de comando, seria ou não acompanhado do referido gesto.

Nos templos, o Anauê era pronunciado em voz moderada ou em surdina, se permitido pela autoridade religiosa.

d) **A BANDEIRA INTEGRALISTA:** a Ação Integralista Brasileira era simbolizada por uma bandeira (a Bandeira Azul Branca) com os seguintes característicos:

⁴⁶ Este gesto pode ser visualizado na figura 04, que apresentamos na subunidade 2.1.

em campo azul real, uma esfera branca, ao centro da qual se destaca um Sigma maiúsculo em cor preta.⁴⁷

O azul da bandeira simbolizava a atitude do pensamento integralista. Evocava distâncias, mostrando que o Integralismo não se submetia aos limites políticos amesquinçados, mas tinha um grande ideal que era a integridade do Brasil e a projeção de sua grandeza entre os povos do Universo.

A esfera branca mostrava a pureza de sentimentos e a sinceridade dos propósitos integralistas. A cor branca resultava da mistura de todas as cores, e o Sigma nela inscrito significava, como está dito acima, a integralização de todas as forças sociais na suprema expressão da Nacionalidade.

A Bandeira Integralista estava abaixo da Bandeira Nacional. Em lugares públicos, a Bandeira Integralista, seria hasteada ao lado da Nacional. Sempre que a Bandeira Integralista estivesse ao lado da Bandeira Nacional, ficava à esquerda desta, isto é, a Bandeira Nacional deveria estar no lugar de honra.

A Bandeira Integralista seria içada a meio pau em casos excepcionais e por ordem do Chefe Nacional.

As Bandeiras Integralistas para atos oficiais possuíam a forma de um paralelogramo reto, sendo confeccionadas de preferência, de filete. As Bandeiras triangulares (flâmulas), serviam apenas, para efeitos de decoração de ambientes e motivação da 'massa' popular. Com relação ao hino do Integralismo, a letra foi composta pelo padre Mello, reforçando o lema: *Deus, Pátria e Família*, como apresentamos a seguir:

⁴⁷ As cores são elementos que aparecem como justificativa ao teor do movimento: são apresentadas como signos que evocam o nacionalismo e o lema: *Deus, Pátria e Família*.

HINO DO INTEGRALISMO [Padre Mello] :

*Ardente amor da Pátria um grande gênio incende; imensa idéia
explende qual astro em céu azul.*

*A idéia fez-se verbo, o verbo fez se(sic) chama que lavra e se derrama
ao Norte, ao centro, ao sul.*

*Avante, brasileiros à nova luz conversos! Nossos irmãos dispersos
traremos ao redil. Sob uma só bandeira de pensamento novo una-se todo
o povo em terras do Brasil!*

*Da plebe ou de alta estirpe, inculto ou ilustrado, roceiro ou magistrado,
do burgo ou do sertão, façamos o organismo de um corpo são e forte
pulsando ao sul e ao norte o mesmo coração.*

*Nem cor nem classe ou crença os passos embarace a quem o lema
abrace Família, Pátria e Deus. Ha (sic) de sofrer somente intérmino
ostracismo o rábido extremismo, o logro dos plebeus.*

*Não entra em concorrência a ação integralista; é sua ideal conquista o
todo ideal no porvir.*

*Sigam tumultuárias em linhas paralelas as sociais parcelas; um dia se
hão de unir. Se é uma só a Pátria só uma a autoridade, queremos a
unidade na brasilense grei.*

*Que vivam só na História os turbidos partidos: vivamos nós unidos a
Deus, à Pátria, à Lei!⁴⁸*

LENHARO aponta que “[...]o amplo investimento ideológico repousava sobre essa ordem comportamental [...]”⁴⁹. O Integralismo, através de ritos e protocolos, também buscava seu sustentáculo político na ordem moral, instituindo a esfera de poder hierarquicamente distribuída, acentuando assim, o papel que o integralista deveria assumir, para atingir a sociedade idealizada, revestida de signos.

A doutrina integralista, de acordo com TRINDADE, foi

⁴⁸ Sem grifo no original (grifo nosso).

⁴⁹ LENHARO, Alcir. Nazismo. O triunfo da vontade. São Paulo : Ática, 1994, p. 62.

[...] desenvolvida mais sistematicamente por Salgado, repousa sobre a idéia de que há na história dois tipos de fenômenos [...] as “realidades objetivas” da sociedade, determinadas pelos “fatos históricos” e de outro elementos “subjetivos”, criados pela imposição das ideologias e das doutrinas[...].⁵⁰

À tentativa de construção de uma ordem totalitária nos anos 30 no Brasil, ao remeter ao desejo de identidade, transforma-se e alicerça-se, segundo DUTRA, na formação de polaridades temáticas. “[...] A presença de elementos da ideologia fascista no discurso, na prática e no dia-a-dia de diferentes elementos sociais é significativa nestes anos e não se restringem aos integralistas”⁵¹, como é possível perceber ao analisar-se as cidades de Joinville e Blumenau.

⁵⁰TRINDADE, op. cit. p.205.

⁵¹ DUTRA, Eliana R. de Freitas. **O ardil totalitário ou a dupla face na construção do Estado Novo** (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo.- USP, 1990, p. 72.

3.1. O chefe nacional : o nascimento de um movimento

Plínio Salgado (1895-1975), chefe nacional da organização integralista, nascido em São Bento do Sapucaí (São Paulo), teve sua formação intelectual e aprendizagem política a partir dos anos 20, período em que a consciência nacionalista intensifica-se e a revolução modernista⁵² coloca em debate os valores estéticos tradicionais, ao mesmo tempo em que o partido Comunista organiza-se e a renovação católica atinge amplas camadas intelectuais.

Como escritor, Plínio publicou romances, entre os quais, O Estrangeiro, em 1926, no qual “[...] preocupa-se com o problema da assimilação do imigrante à comunidade nacional”⁵³ e O Esperado, no qual descrevia o drama das massas disponíveis à espera de um messias.⁵⁴

Ao terminar de escrever essa obra, o autor planejava formar um movimento, o qual culminaria com a criação do Manifesto Integralista em outubro de 1932, e, dois meses depois, apareceria O Cavaleiro de Itararé, no qual afirmava ter feito uma análise crítica das revoluções brasileiras.⁵⁵

Quando se pondera a importância relativa desses fatores sobre a formação política de Salgado, tende-se a concluir que foi sua experiência intelectual que o levou a engajar-se progressivamente na ação política.

⁵² BOBBIO, op. cit., p.766. “Este neologismo surge por meados do século XIX, para indicar muito vagamente uma corrente de estilos e conteúdos políticos novos. O Modernismo representou um esforço por modernizar a fé com o progresso científico, esforço que se apresentaria de novo na transição de uma época a outra. Historicamente [...] o movimento modernista não pode ser reduzido a um bloco doutrinal compacto e homogêneo, apresentando-se antes como um estado de espírito marcado por aspirações comuns, mas de valências diversas, não só nos diferentes contextos ambientais e sociais, como também no âmbito da mesma confissão religiosa e até da mesma região.

⁵³ TRINDADE, op. cit., p. 30.- Na obra “O Estrangeiro”, Plínio Salgado limita seu tema às regiões brasileiras. Publicado em janeiro de 1926, sob a influência da imigração, preocupando-se com o problema da assimilação.

⁵⁴ No que concerne as obras “O Esperado” e “O Cavaleiro de Itararé”, ainda que o enredo se circunscreva a São Paulo, se referem ao sistema político e social brasileiro. A obra “O Esperado” foi publicada em 1931. Já “O Cavaleiro de Itararé”, foi publicado em 1932, dirigido à juventude civil e militar brasileira.

⁵⁵ TRINDADE, op. cit., p. 31.

Mas a influência do meio familiar antecede este pensamento, pois o mesmo descendia de uma família de tradição política. Seu avô paterno era português e emigrou para o Brasil por razões políticas e havia estudado Humanidades em Coimbra, a exemplo de seu avô materno, nascido na Espanha, professor das letras latinas e político do Partido Conservador do Império. Sua mãe era professora e seu pai, Francisco das Chagas Esteves Salgado, farmacêutico e político local.

A formação intelectual de Plínio Salgado constitui-se, desde o início, de um sentimento religioso e nacionalista. Plínio prosseguiu seus estudos em Minas Gerais até 1911, ano em que seu pai faleceu. Sem recursos, começa a trabalhar em São Bento do Sapucaí, e, a partir de 1916, cursando Jornalismo, tornou-se redator de um jornal que pertencia a seu futuro cunhado, Joaquim Cortez Renno Pereira. A partir daí, Plínio desenvolve diversas atividades e, a medida que elas se ampliavam, também crescia sua influência, tornando-se conhecido como personalidade local.

Buscando novas perspectivas para sua formação política e cultural, através de contatos com grupos de intelectuais e políticos na capital paulista, consegue emprego no jornal Correio Paulistano.

Pressupõe-se que a ida de Plínio para São Paulo tenha relação com os artigos e contos que ele escrevia. Mas além disso, Plínio combatia a política municipalista, o que tornou a sua situação insustentável em São Bento do Sapucaí.

Na véspera das eleições para vereadores nessa cidade, Plínio é preso por tentativa de homicídio. No processo alegou haver defendido a casa do cunhado contra um assalto a tiros. Posto em liberdade e sem recursos, perseguido politicamente, vai para São Paulo, deixando a filha com a mãe dele.⁵⁶

⁵⁶ cf. SILVA, Hélio. 1938 - terrorismo em campo verde. O ciclo de Vargas - vol. X. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

A transformação política de Plínio dá-se em meio à revolução estética. A obra *O Estrangeiro*, na qual ele afirmara: “[...] meu primeiro manifesto foi um romance”,⁵⁷ estabelece a passagem de Plínio entre a atividade literária e a política.

Segundo PRADO,

Plínio situa como momento decisivo da ruptura dos processos de estilo os anos de 1926-27, insistindo [...] na canalização dos processos de vanguarda européia para um projeto que lhe parecia, como aos “modernistas da ordem”, de absoluta importância.⁵⁸

A exemplo disso, temos as obras já citadas, nas quais se permite observar a expressão do desejo político de Plínio, refletindo sua inquietude perante às contradições de uma sociedade em transição e, ao mesmo tempo, “[...] constituem o contexto onde se esboçarão alguns dos temas fundamentais da ideologia integralista”.⁵⁹ Por este caminho, Plínio descartaria as conquistas da Semana de 1922.

Na análise de PRADO,

No conjunto do ideário integralista, a literatura funciona, assim, como uma força articuladora do sistema, pois é a partir dela [da literatura] que se impõe uma espécie de retórica emblemática da nova ordem nacional.⁶⁰

Assim, a fase pré integralista de Plínio Salgado, iniciada sob o signo dos temas nacionalistas dominantes do Modernismo,⁶¹ é consolidada quando ele rompe com o partido Republicano e viaja para a Europa em 26 de abril de 1930.

⁵⁷ SALGADO, Plínio.(b) *Despertemos a Nação*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1935, p. 05.

⁵⁸ PRADO, Antônio Arnoni. *1922: itinerário de uma falsa vanguarda*. Os dissidentes, a Semana e o Integralismo. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 95.

⁵⁹ TRINDADE, op. cit., p. 29.

⁶⁰ PRADO, op. cit., p. 97.

⁶¹ PRADO, op. cit., p. 49-50. “É a fresta por onde se insinua Plínio Salgado[...] Plínio transfere para o Modernismo [...] algumas das críticas com que justificaria o pretenso afastamento do movimento dissidente em face das correntes literárias convencionais”.

É neste contexto que Plínio acredita que as experiências políticas européias despertam nele maior sensibilidade sobre a política brasileira, ao mesmo tempo em que as idéias fascistas também insinuam-se em suas concepções políticas.

Ao retornar ao Brasil, em outubro de 1930, Plínio caminha para a concretização da idéia que amadurecera enquanto esteve na Europa: o despertar de uma consciência política da opinião pública.

E Plínio não só acredita nisto, como afirma, dizendo: “[...] o período que vai de 1927 a 1930 revelou-me a impossibilidade de fazer algo novo dentro dos velhos quadros partidários e sociais do país.”⁶²

Plínio obtém contatos com a política de países como a Turquia, além da leitura de uma ampla literatura sobre o estudo da social democracia da Alemanha, a reflexão sobre o imperialismo inglês no Egito, bem como a influência do fascismo italiano.

À medida em que vai absorvendo estas experiências, escreve para os amigos brasileiros, dizendo estar cada vez mais convicto da necessidade de mudanças emergentes no Brasil.

Para Plínio, isto ocorreria inicialmente pela mudança política, pois “[...] antes de organizar um partido, é necessário um movimento de idéias”⁶³.

Esta breve abordagem sobre Plínio Salgado possibilita entender o lançamento de seu Manifesto em outubro de 1932, concretizando a formalização de um projeto, que culminaria com a organização da Ação Integralista Brasileira.

O Integralismo surgiu num período de radicalização política e de desprestígio do modelo liberal de democracia. Para Plínio, o espírito nacional estava no Brasil agrário

⁶² SALGADO, (b) op. cit., p. 15

⁶³ TRINDADE, op.cit., p. 36.

do interior, em contraposição ao metropolitanismo aberto às influências estrangeiras nas cidades do litoral.

Numa época em que se exigia de um líder político, agilidade oratória e bom texto, Plínio foi um doutrinador hábil, publicando cerca de 70 livros e ensaios, entre os quais, organizava as bases e a disciplina dos integralistas.

Com a instalação do governo provisório em 1930 e a indiferença dos partidos políticos ao discurso de Plínio, este, a princípio, colabora com o governo provisório, escrevendo, inclusive, vários artigos intitulados “*Diretrizes à Ditadura*”, mostrando-se favorável ao governo.

Mas, ao perceber que esse governo também se mostra indiferente à sua pregação, Plínio, em 1931, começa a buscar as bases ideológicas que incidiriam na criação do Manifesto.

É o momento em que lança um apelo à juventude, pois, nas palavras de Plínio, “[...]essa é a que deve assumir a direção dos negócios da Pátria [...] que deve agir, que deve governar”.⁶⁴

No ano seguinte, antes da divulgação do Manifesto de outubro de 1932, acontece em São Paulo, a fundação da *Sociedade de Estudos Políticos* (S.E.P.), a qual reuniria jovens intelectuais sob a inspiração de Salgado.

O Manifesto de 1932, marca o lançamento oficial da A.I.B. como movimento político independente, composto por dez artigos, sendo :

1. Conceção do Universo e do Homem (prega que os homens e as classes podem viver em harmonia, relacionando-os às raízes cristãs que estariam em todos os corações);

⁶⁴ SALGADO, Plínio. (c) O Horror das Responsabilidades. *A Razão*, 01 de julho de 1931.

2. *Como entendemos a Nação Brasileira* (exalta a necessidade de um povo unido para que a nação seja forte e poderosa e a necessidade da dissolução do pluripartidarismo);
3. *O Princípio de Autoridade* (justifica a importância da disciplinarização e hierarquia para tornar o Estado forte);
4. *O Nosso Nacionalismo* (apresenta a aversão aos costumes estrangeiros, buscando uma identidade brasileira, ao resgatar valores culturais na literatura e nas artes, retomando a campanha nativista);
5. *Nós, os Partidos e o Governo* (apresenta a necessidade da construção de uma cultura “tipicamente brasileira” e a reafirmação da necessidade da extinção dos partidos e governos municipais e estaduais);
6. *O que Pensamos das Conspirações e da Politicagem de Grupos e Facções* (afirma que uma campanha deve ser feita de maneira explícita, que vise a cultura, a moral, a educação e a sociedade, sem visar aos interesses particulares e alheios aos interesses da nação);
7. *A Questão Social Como a Considera a Acção Integralista Brasileira* (o Comunismo é apresentado como aquele que escraviza os operários e a família, não possibilitando uma ascensão social);
8. *A Família e a Nação* (busca a relação paternalista existente entre a família e o Estado, cabendo a este último, defender as famílias, e, para isso, necessitando da inscrição do mesmo em seu programa integralista);
9. *O Município Centro das Famílias Célula da Nação* (prega que a administração local deve ser vigiada pelos moradores, pois o município é considerado uma reunião de famílias, que lutariam pela moralidade);
10. *O Estado Integralista* (apresenta-o como um Estado livre de qualquer princípio de divisão, funcionando nele, os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e o sentido do espírito nacional e humano estaria expresso na filosofia, literatura e artes).

A idéia de Estado inserida neste Manifesto é a de um Estado autoritário, que coroaria a concepção espiritual-nacionalista contida no discurso ideológico. O Estado torna-se o princípio e o fim do universo ideológico integralista.

Pretendemos realizar o Estado Integralista, livre de todo e qualquer princípio de divisão [...] Pretendemos criar a suprema autoridade da nação. [...] mobilizar todas as capacidades técnicas [...]. Pretendemos como base o homem da nossa terra, na sua realidade histórica, econômica [...]; nas suas aspirações, estudando-o profundamente.⁶⁵

Ou seja, o papel fundamental do Estado seria o de realizar a unidade nacional. Transformando-se de Movimento a real Partido Político, o Integralismo introduziu-se no cenário nacional dos anos 30 - pela defesa de seu programa - no principal partido brasileiro de extrema direita.

Defendendo em seu discurso, a centralização, o estatismo econômico, o corporativismo, o fim da luta de classes pela inserção do homem na família, no município e na nação, estimulando o orgulho à pátria, através dos princípios conservadores explícitos na divisa Deus, Pátria e Família, o Integralismo condicionou os indivíduos à obediência cega à autoridade do Chefe, evitando as críticas à doutrina.

Após o Manifesto de 1932, difundiu-se as diretrizes integralistas por todas as províncias do país. A sociedade é enaltecida como a “união moral necessária”⁶⁶ que permitiria uma vida harmônica para os indivíduos, mas necessitando, para isso, de um Estado forte, o qual possibilitaria condições de satisfazer as aspirações humanas,⁶⁷ tendo como primeira e importante instituição social, a família.

⁶⁵ FENELON, Dea Ribeiro. **50 textos de História do Brasil**. São Paulo : Hucitec, 1974, p.157

⁶⁶ SALGADO, Plínio (d). **O Integralismo Perante a nação**. Lisboa : Oficina Gráfica, 1946, p. 30.

⁶⁷ De início, os integralistas queriam tomar o poder, e o presidente Vargas seria um obstáculo a ser removido. Daí a tentativa de um golpe, em onze de maio de 38, o qual foi frustrado, levando Plínio ao exílio em Portugal, retornando ao Brasil em 45, e criando o Partido de Representação Popular (P.R.P.).

A família é utilizada para ressaltar a importância que a mesma possui nas diretrizes integralistas: sua participação e cooperação, através dos votos, fortaleceria as bases do Estado imaginado pelo discurso integralista.

Nos artigos de números 8 e 9 do Manifesto de 1932, percebe-se quão forte é o apelo à família. Ela aparece como sendo o principal núcleo a ser alcançado, para que se tenha êxito dos camisas-verdes ao penetrarem as províncias do país.

O discurso integralista objetiva sua própria definição, acrescentando diferentes imagens associativas de mobilização social ou política, isto é, a de uma revolução cultural, espiritual e ‘civilizadora’.

E para isso, denuncia a democracia liberal⁶⁸ como geradora da luta de classes, bem como o marxismo,⁶⁹ como responsável por sua evolução acirrada, que nega a existência real das mesmas, ao pretender estabelecer um projeto de reestruturação integral da sociedade.⁷⁰

Recordando CHAUI,⁷¹ a aplicação destas imagens no discurso integralista, explica-se segundo o seu significado político: o autoritarismo, o qual se delineia visivelmente não apenas no manifesto de 1932 e/ou nas diretrizes integralistas de 1933, mas no próprio estatuto de 1934, que apresenta suas finalidades enquanto partido político:

Artigo 3) - Como partido político, a Acção Integralista Brasileira objectiva a reforma do Estado, por meio de formação de uma nova cultura filosófica e jurídica, de sorte que o Povo Brasileiro, livremente, dentro das normas da

⁶⁸ SALGADO, Plínio.(c) **A Liberal Democracia**. São Paulo: Américas, 1955, v. IX, p.30/31. Nesta obra, Plínio diz que “A liberal democracia criou um Estado meramente espectador, o qual foi fragmentado pelas forças em conflito, não sendo capaz de instaurar economicamente, a harmonia entre a produção e o consumo.

⁶⁹ _____ . (f) **A Quarta Humanidade**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1934, p.87. Nesta obra, alega que o marxismo prestou o serviço de mostrar que não há classes, e o seu erro estaria na sua concepção meramente formal das classes, que, na visão de Plínio, seria importante organizar a sociedade em categorias profissionais, visão que ele não encontrara no marxismo.

⁷⁰ CHAUI, (b), op. cit., p. 44. - Traduzindo o conceito de classe social para o dado empírico da categoria profissional, a imaginação realiza aqui o mesmo trabalho que efetuou no caso do materialismo histórico, qual seja, obscurece a força explicativa pela sua diluição em imagens facilmente reconhecidas na experiência cotidiana. Todavia, agora essa operação tem uma finalidade precisa e que ultrapassa a simples tentativa de provar a falsidade do marxismo.

⁷¹ CHAUI, (b), op. cit., p.46.

Constituição de 1934 e das leis em vigor, possa assegurar de maneira definitiva, evitando lutas entre Províncias, entre classes, entre raças ;[...]

*f) paz entre as Famílias Brasileiras e entre as forças vivas da Nação, mediante o sistema orgânico e cristão das corporações [..]*⁷²

A associação Família-Estado é reforçada ainda a partir da prática do catolicismo então vigente , no campo cultural e espiritual, cujas normas e conceitos da família incidem em outras leituras que necessariamente não são institucionalizadas.

A A.I.B. soube apreender estes sentidos pela prática da repressão sexual e sua restrição ao interior da família monogâmico-patriarcal, canalizando seu discurso na valorização do trabalho e incentivo à educação moral e cívica.

A apropriação da idéia do poder patriarcal, amparada pelos dogmas religiosos e circunscrita na ordem organizacional integralista por meios legais, assinalou a subserviência de seus militantes, bem como o culto ao seu chefe nacional.

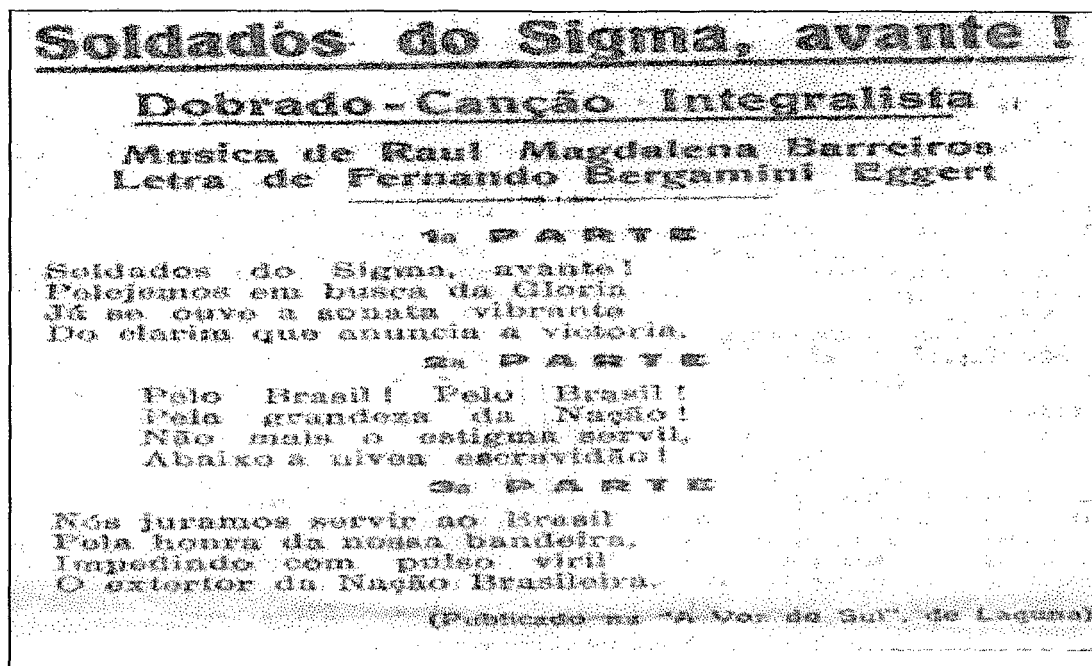
Desta forma, o Integralismo impediu que a autoridade de seu líder fosse posta em causa, quer pela introdução de mecanismos legais (Estatutos), quer pela utilização litúrgica de conceitos secularmente tradicionais, como por exemplo, a concepção do universo e do homem, apresentada no Artigo 01 do Manifesto de 1932.

Através de textos discursivos envolventes, como: panfletos, jornais, canções, fotografias e usos de uniformes, além de outros símbolos, o movimento buscou dimensionar o espaço físico para então reformá-lo e modelá-lo à sua imagem. O exemplo que temos na figura 1, está relacionado com a canção que foi publicada no Jornal de Joinville⁷³, em 1935.

⁷² CHAUI, (b), op.cit., p. 46

⁷³ JORNAL DE JOINVILLE , 01.10.34 - p. 01

Figura 1: *Canção Integralista*⁷⁴



Fonte: *Jornal de Joinville, 1934.*

A dinamização destes mecanismos que se poderia denominar de agentes socializadores, assegurariam o aprendizado político-ideológico de seus integrantes. A ordem e a disciplina nos desfiles para receber seu chefe nacional faz-se presente, cumprindo o princípio de autoridade contido no Artigo 03 do Manifesto, como podemos observar nas fotos que seguem :

⁷⁴ Fotografia pertencente ao acervo do ARQUIVO DE BLUMENAU - SC - pasta Nazismo - Integralismo.

Figura 2: Comitiva de Plínio Salgado em Blumenau, 1935⁷⁵



Fonte: Arquivo José Ferreira da Silva - Blumenau – SC

Nesta fotografia (figura 2), Plínio Salgado é recepcionado pelos integralistas de Blumenau, por ocasião do Congresso que reuniu integralistas de várias cidades. Observa-se que nesse desfile, impera essencialmente a ordem e a disciplina de seus militantes.

Esta ordem e disciplina também pode ser conferida na figura 3, em Blumenau, por membros integralistas de outras cidades, que participavam do Congresso Integralista em 1935.

⁷⁵ Fotografia pertencente ao acervo do ARQUIVO DE BLUMENAU - SC - pasta Nazismo e Integralismo.

*Figura 3 - Congresso Integralista em 1935 - Blumenau - SC*⁷⁶



Fonte: Arquivo José Ferreira da Silva - Blumenau - SC

A ideologia dos integralistas partia do Estado nacionalista,⁷⁷ da necessidade de uma transformação emergente,⁷⁸ e para isso, necessitava de um suporte que conferisse uma identidade não apenas aos seus militantes, mas também àqueles que pretendia atingir com seu discurso.

Assim, havia todo um ritual que buscava compor este suporte, quer seja na saudação Anauê, no uniforme verde, ou no emblema do Sigma (Σ). Quanto a demonstração

⁷⁶ Fotografia pertencente ao acervo do ARQUIVO DE BLUMENAU - SC - pasta Nazismo e Integralismo

⁷⁷ BOBBIO, op. cit., p.799. Em seu sentido mais amplo, o termo nacionalismo designa a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional [...] É um componente essencial das ideologias fascista e nazista.

⁷⁸ LENZI, Carlos Alberto Silveira. **Partidos e Políticos de Santa Catarina**. Florianópolis : UFSC, 1983, p. 120.

de disciplina rígida, de força e ordenamento cívico, a demonstração dessa disciplina era empreendida através dos desfiles integralistas que ocorriam.

Compondo nestas imagens a preocupação de um Estado forte, integral, o Integralismo pregava que seria representado por classes profissionais, as quais garantiriam a possibilidade dos indivíduos se representarem.

Havia discursos fervorosos que conclamavam as pessoas a participarem dos ideais integralistas. Como exemplo, citamos Gustavo Barroso, que pregava: “Precisamos de pessoas que queiram tornar-se brasileiros, renovando nosso sangue em troca da hospitalidade que concedemos”⁷⁹.

Outro exemplo, seria a carta “*Mensagem aos Catarinenses*”, de Plínio Salgado, publicada em março de 1934, na qual Plínio reafirmava as bases integralistas contidas nos artigos 01, 03 e 04 do Manifesto.

Ou seja, novamente se valia do apelo ao nacionalismo (Artigo 04); reafirmava a necessidade do princípio de autoridade (Artigo 03) e a concepção do universo e do homem (Artigo 01) como meio de atingir as províncias do país.

Assim, o Integralismo foi sendo semeado em Santa Catarina, instalando-se, principalmente, nos municípios onde predominava o elemento étnico germânico.⁸⁰

A expansão geográfica da Ação Integralista, no período de 1934 a julho de 1937, pode ser conferida com Trindade⁸¹, no levantamento que o autor elaborou, utilizando a coleção do jornal integralista *A Offensiva*.

Quanto a animosidade aos teuto-brasileiros (que remonta a Revolução de 30), nota-se que foi intensificada, quando da instituição do movimento integralista no estado, pois

⁷⁹ HUNSCHÉ, Karl-Heinrich. *Der brasilianische Integralismus*. Stuttgart : Kohlhammer-Verlag, 1938, p.90 Apud. GERTZ, op. cit., p. 69.

⁸⁰ LENZI, op. cit., p. 122

⁸¹ cf. TRINDADE, op. cit., p. 315-321.

acabou sendo interpretado pelo governo catarinense, como uma organização representante da ideologia Nacional Socialista a serviço do governo alemão.

Aliás, essa interpretação também foi tomada por Nereu Ramos, governador de Santa Catarina. Em entrevista dada sobre a vitória integralista nas eleições de 1936 no norte do estado, Nereu diz :

[...]quero explicar-lhes a vitória do Integralismo, ou melhor, do Hitlerismo, porque ali o fenômeno do Integralismo não se apresenta com as mesmas características que nos demais Estados da Federação. Em todos os municípios que o Integralismo venceu, predomina o elemento alemão. A bandeira não é Plínio Salgado, mas sim Hitler.[...] Creio que está na hora de se iniciar uma enérgica obra nacionalizadora nos municípios em que a colonização alemã não quer adaptar-se à vida brasileira [...].⁸²

Discorrendo sobre a difusão do Integralismo no Brasil e a real adesão dos teutos à A.I.B., vários autores correlacionam esta adesão com a própria identificação do Integralismo com a ideologia nazista, constituindo-se em ponte às pretensões pan-germanistas do governo alemão⁸³.

No capítulo IV, abordaremos sobre essas opiniões confusas, para compreender por que o Integralismo também conseguiu apoio da população teuta em Santa Catarina.

⁸² Der Governador von S. Catharina und die Integralisten. KOLONIE ZEITUNG, Joinville : 74 (24); 2, 24 mar. 1936.

⁸³ BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República**: de 1930 a 1960. São Paulo : Fulgor, 1965

4. O INTEGRALISMO E O TEUTO-BRASILEIRO NO CENÁRIO POLÍTICO CATARINENSE

“Quando a crença na onipotência da força física predomina na vida política, essa força adquire vida própria e demonstra ser mais forte do que os próprios homens que pensam usar a força como instrumento”.
(Albert Einstein)

Na década de 30, as promessas de Getúlio Vargas de eleições livres, além da instalação de uma Assembléia constituinte, levaram o país à perspectiva de uma reviravolta à normalidade política.

Nesse momento, oficialmente provisório e intervencionista, ressurgiu o Partido Republicano, tendo à frente o político teuto-brasileiro, Marcos Konder.

O Partido Liberal catarinense foi fundado em 1931, tendo como presidente, Nereu Ramos. O final de 1931 e o primeiro semestre do ano seguinte, foram caracterizados por uma série de crises políticas sentidas pelo então interventor Ptolomeu de Assis Brasil. Essas crises fragilizavam os grupos políticos catarinenses, impedindo-os de exercer pressão sobre o governo central e sobre a Interventoria.

De acordo com CORRÊA, o interventor Ptolomeu de Assis Brasil, desde a sua posse em agosto de 1930, havia “[...] declarado que não era seu pensamento permanecer durante muito tempo no governo catarinense. A idade, a saúde, interesses particulares no Rio Grande do Sul [...] não o incentivavam a ficar no governo[...]⁸⁴”.

⁸⁴ CORRÊA, Carlos H. *Um Estado entre duas Repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1984, p. 97

Além disso, o Partido Liberal reclamava das influências que o interventor recebia dos elementos do Governo derrubado em outubro de 1930.

Na análise de CORRÊA, o interventor “[...]influenciado por figuras da sociedade catarinense ligadas à família de Hercilio Luz, nomeava para cargos administrativos, candidatos indicados por essas pessoas que o pressionavam.”⁸⁵

Assim, os problemas passaram a girar em torno de um só objetivo: a substituição do Interventor. O ressurgimento dos Republicanos, as coligações e as eleições de 1933 se manifestam na perspectiva do retorno do país à normalidade política.

E isso ocorre através da promessa de eleições livres em 1933 e a instalação de uma Constituinte, permitindo, assim, o retorno à luta do partido Republicano Catarinense, que havia sido derrubado em outubro de 1930.

Os problemas sociais ainda não haviam sido discutidos em Santa Catarina e os operários, a maioria de origem germânica, trabalhavam e não possuíam a conscientização daquilo a que tinham direito. Grande parte desses operários viviam na região do Vale do Rio Itajaí.

Segundo HERING,

Quanto à origem e formação da mão-de-obra diferenciou-se o processo de industrialização no país. O que decorreu da estrutura social em que se assentou a exploração econômica anterior. Em Santa Catarina, uma das marcas deixadas pelo regime de pequena propriedade foram condições sociais relativamente [...] sólidas, que, em grande parte, transferiram-se para a indústria. Em consequência, a estabilidade no emprego é comumente apontada como um fator diferenciador da mão-de-obra do sul. Teria contribuído para esse fato, [...] a origem étnica dos operários traduzidos nos valores comuns e nos laços de solidariedade criados nos anos de esforço conjunto quando se estabelecem os imigrantes nas colônias, o que determinou seu vínculo ao local de

⁸⁵ CORRÊA, op. cit. p.82.

trabalho, onde o “patrão” comumente fora o antigo companheiro de luta do operário[...].⁸⁶

No que se refere as eleições de 1933 para a Constituinte Federal, elas serviram para o exercício da prática política dentro de um cenário pluripartidário. Com a possibilidade da fundação de várias organizações partidárias, os políticos passaram a ter uma consciência maior das várias técnicas de luta política.

As eleições de 1933 promoveram, entre outros, o adestramento do exercício político dos catarinenses para uma luta que, em 1934, desencadearia na organização da Assembléia Constituinte Estadual.

E, se até aquele momento não havia aparecido uma agremiação política nacionalmente forte, apoiada pelas ideologias de cunho internacional, surgiria, agora, a Ação Integralista Brasileira.

Em Santa Catarina, os primeiros núcleos do Integralismo foram fundados em municípios nos quais o elemento étnico alemão era quantitativamente superior aos demais, abrangendo Joinville, Blumenau, expandindo-se para outras localidades, até atingir 16 governanças regionais, perfazendo um total de 41 municípios após 1935.⁸⁷

Algumas das outras localidades às quais me refiro podem ser recordadas nas palavras de LENZI:

a partir de 34, o Integralismo vicejou rapidamente, instalando-se nos municípios [...] de Joinville, Blumenau, Jaraguá, Rio do Sul, Brusque, Hamônia, Rodeio, São Bento, Timbó, Araranguá, Canoinhas, e com menos expressão, em Criciúma, Campos Novos, Itajai, Florianópolis, Lages, Laguna, Cruzeiro, Curitiba, Itaiópolis, São Francisco, Palhoça, Caçador, Chapecó, Urussanga, Campo Alegre, Imaruí.

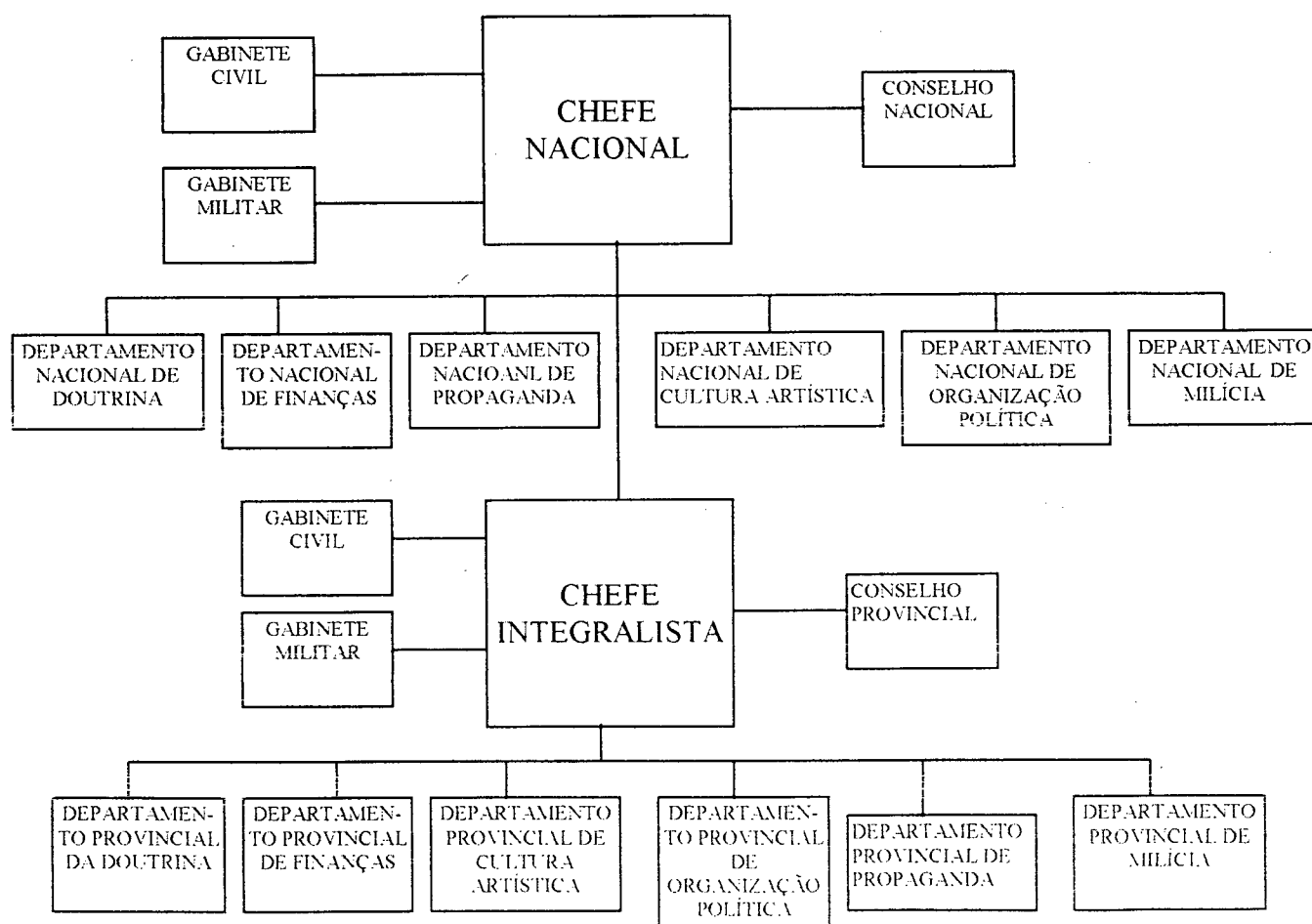
⁸⁶ HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e indústria no Vale do Itajai: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: FURB, 1987, p. 140-141.

⁸⁷ KUEHNE, João. O Integralismo nazi-fascista em SC, in: *O Punhal nazista no coração do Brasil*, p. 108-128.

Mafra, São José, Tubarão, Concórdia, Orleães, Jaguaruna, Porto União, Tijucas, Parati e São Joaquim.⁸⁸

Paralelamente aos preparativos para as eleições à Constituinte Estadual, a A.I.B. fortalecia-se através da definição dos papéis a serem ocupados na organização.

Quadro 01 - A organização da A.I.B. (março - 1934)⁸⁹



Fonte: TRINDADE (1979:174)

⁸⁸ LENZI, op. cit., p. 122.

⁸⁹ TRINDADE, op. cit., p. 174

Observe-se que os órgãos que estão dispostos hierarquicamente no quadro 01, estabelecem as funções que seriam executadas pelos membros da A.I.B. Entretanto, quem delegaria as funções seria Plínio Salgado, o qual ocupava o cargo de chefe integralista.

Ao verificar-se os Estatutos de 1934,⁹⁰ percebe-se que os demais membros iriam comunicar-se com o Chefe através dos Departamentos Nacionais, salvo as exceções.

Quanto ao chefe provincial, este também não se comunicaria diretamente com Plínio Salgado. Sempre que necessário, deveria procurar o Departamento ao qual estava ligado o seu problema, exceto nos casos em que havia relevância particular.

Desta forma, o Conselho Nacional tinha a função consultiva. Era um órgão que assessorava o chefe nacional e estava integrado por secretários dos Departamentos Nacionais, pelos chefes provinciais e por outras pessoas que fossem designadas pelo chefe nacional.

A partir de 1936, ocorre a reorganização da A.I.B., aumentando a quantidade de órgãos executivos, ampliando suas funções. Segundo TRINDADE,

A reorganização da A.I.B., em 1936, é bastante significativa para a análise do sentido da evolução do movimento. O Departamento de Organização Política transforma-se, com múltiplas atribuições, em Secretaria nacional das Corporações e dos Serviços Eleitorais.⁹¹

Esta reorganização tem um amplo significado, tanto eleitoral, quanto político.

No que concerne ao aspecto ideológico, procurou desenvolver a atividade sindical do movimento integralista, propagando entre os membros o espírito corporativo.

Já o aspecto eleitoral preparava-se para a organização das eleições em 1936, com a inscrição eleitoral de seus membros e simpatizantes, almejando a candidatura de Plínio Salgado à presidência da República para o ano de 1937.

⁹⁰ Cf. MONITOR INTEGRALISTA. Estatutos da Ação Integralista Brasileira, artigo 25, maio de 1934.

⁹¹ TRINDADE, op. cit., p. 176.

Mas outros movimentos surgiram, entre os quais, houve a formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) fundada no Rio de Janeiro em 1935. A ANL reunia comunistas, socialistas, líderes sindicais e ex-tenentes.

Quanto ao seu conteúdo político, a A.N.L. aprovou um programa de reformas sociais, econômicas e políticas, que incluía o aumento dos salários, a nacionalização das empresas estrangeiras e a defesa das liberdades públicas.

Os confrontos entre militantes comunistas e integralistas tornam-se frequentes. Em Santa Catarina, a ANL estava concentrada nos municípios de Itajaí e São Francisco do Sul, cidades portuárias.

O Núcleo Catarinense do NSDAP, com sede em Blumenau era outra organização existente na época. Já em Florianópolis, “[...] a organização nazista era chefiada por Heinz Schmidt, alemão de nascimento”⁹².

Schmidt, em entrevista ao jornal A Pátria, em 28/08/1933, dizia que o objetivo do Núcleo partidário no Brasil, a exemplo de 51 outros países, era desenvolver uma política que retornasse a situação de relevo a que tinha direito, depois da derrota da 1ª guerra mundial.⁹³

Ressalte-se que da organização participaram somente alemães natos, não sendo admitidos filhos de alemães. Em Florianópolis, o NSDAP contava com 23 filiados.

Quanto as obrigações dos membros, o NSDAP contava com o esforço destes para aumentar o número de adeptos, e era preciso ser um combatente de primeira linha e estar sempre em contato com a literatura hitlerista, bem como unir-se de qualquer maneira, aos partidos locais.

⁹² CORRÊA, op. cit., p.171.

⁹³ A PÁTRIA, Florianópolis, 28.08.33, p.02.

No livro “*O Punhal Nazista No Coração do Brasil*”, constam as várias atividades denominadas hitleristas que colaboram com a Ação Integralista no território catarinense. Mas deve-se considerar, no entanto, que o livro publicado tinha por objetivo único, mostrar as chamadas atividades ‘*subversivas e perigosas*’ dos nazistas no Estado, procurando, assim, justificar a participação do Brasil na 2ª guerra mundial contra os países do Eixo.

O autor do livro, Lara Ribas, membro da Polícia Política do Estado, dissera ter pesquisado nos arquivos secretos do DOPS catarinense para transcrever os documentos. Mas estes documentos não foram mostrados, o que fez com que alguns estudiosos levantassem dúvidas a respeito da autenticidade da documentação.

No que se refere ao Integralismo em Santa Catarina, Lara Ribas em momento algum citara o nome do chefe do Núcleo no Estado, Othon Gama D’Eça, que possuía destacada posição social e intelectual em Santa Catarina, bem como, influentes ligações com a classe dominante da época, em 1943.

A simpatia do teuto-brasileiro pelo movimento Integralista é plausível de compreensão, pois ambos os movimentos (nazista e integralista) tinham uma estrutura política semelhante e as organizações puramente germânicas não aceitavam aqueles que não fossem alemães natos, com exceção da Juventude Teuto-brasileira. Porém, isto não responde totalmente a pergunta inicialmente proposta neste trabalho,* pois ainda que fossem consideradas semelhantes, a A.I.B. e o NSDAP distinguiram-se não apenas em seus conteúdos, como também na própria organização e objetivos de ambos.⁹⁴

No que concerne à fundação dos núcleos integralistas no estado catarinense, em Itajaí, a fundação do Núcleo Integralista foi feita por alemães; em Blumenau, por teuto-brasileiros; em Florianópolis, o Núcleo era chefiado pelo brasileiro Othon Gama D’Eça.

* Voltaremos a discutir essa questão no capítulo V.

chefe provincial da organização, e, em Lages, a fundação deu-se através de um engenheiro alemão.⁹⁵

Na medida em que o Integralismo ia se fortalecendo e aumentava seu interesse em Santa Catarina no sentido de aproximar-se do governo brasileiro, suas teorias nacionalistas ganhavam propulsão, em contraposição aos nacional-socialistas alemães.

O grande número de adesões ao Integralismo de alemães, italianos e teutos, deu-se,⁹⁶ em grande parte, através da luta anti-comunista que os camisas verdes souberam explorar.⁹⁷ (Quanto as demais regiões, observar o gráfico 01, em anexo).

Houve uma grande propaganda integralista em língua italiana e alemã, e em Blumenau, em outubro de 1935, realizou-se a grande concentração com a presença de Plínio Salgado.

Em Florianópolis, o jornal *A Gazeta*, fundado em agosto de 1934, abriu uma seção para a A.I.B., destinando-se à preparação do Núcleo para as eleições que se realizariam a 14/10/1934.

No início, a doutrina direcionava-se no sentido de não se votar nos demais partidos, senão nos Integralistas, embora essa atitude fosse contraditória, pois os mesmos eram contrários à democracia liberal. Entretanto, Gama D'Eça justificou, em entrevista ao jornal *A Gazeta*,

⁹⁴ Cf. SEYFERTH, Gyralda (b) *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: F.C.C., 1981, cap. II, p. 65 ss.

⁹⁵ KUHENE, op. cit., p. 112.

⁹⁶ HILTON, Stanley E. *O Brasil e a crise internacional: 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 31. "Um observador contemporâneo achava a presteza de jovens teuto-brasileiros em aceitar o integralismo, psicologicamente compreensível: eram cativados pelo 'ritmo novo' [...] e também eram motivados por patriotismo e desejo de ter 'lei e ordem'. Entretanto, muitos teutos e italianos julgavam-se integralistas sem ao menos poderem afirmar em português qual era a sua pátria."

⁹⁷ SEYFERTH, op. cit., p. 103. Para a autora, "Podem ser procuradas várias razões para a adesão ao integralismo [...] A mais comum delas [...] seria a semelhança do integralismo com os movimentos fascistas alemão e italiano, que tinham militantes nas colônias." Entretanto, é muito difícil pensar em centenas de pessoas identificadas com um nacionalismo essencialmente antibrasileiro, filiados a um partido nacionalista brasileiro.

[...]que não era incoerência dos integralistas apelarem para o voto, pois, Hitler e Mussolini, que também combatiam a democracia liberal, foram mais de uma vez às urnas com o fim de [...] afastar os seus companheiros das lutas dos partidos.⁹⁸

Gama D'Eça, na mesma entrevista ao jornal A Gazeta, lembrava que,

[...]ainda que o Integralismo não desça à confraternização com as massas, permite que elas subam aos níveis superiores e se integram (sic) no Estado e dele faça parte seus sindicatos e as suas corporações.⁹⁹

A não aceitação das representações de caráter político-partidárias pelos integralistas sustentava-se na afirmação de que elas tinham que ser profissionais e somente a representação dos trabalhadores era representação popular.¹⁰⁰

Em 13 de outubro de 1934, foi lançada a lista dos candidatos para deputados estaduais e federais da A.I.B. A Ação Patrionovista não lançou candidatos do Partido Liberal. Na época, surgiu também outra organização política, a única que apareceu integrada por operários, denominada Liga dos Trabalhadores de Santa Catarina.

Porém, não foi o primeiro partido composto por operários no Estado, pois, em 1933, já havia sido fundado, em São Francisco do Sul, o Partido Operário Socialista, cujos membros eram estivadores daquela cidade.

O destino desse partido em Santa Catarina e suas idéias não propagaram por todo o Estado, nem mesmo em Joinville, que era industrializada. O Partido dos Trabalhadores que se sediou na capital, não fez e não permitiu ligações com os socialistas do norte do Estado.

⁹⁸ A GAZETA, Fpolis., 26.09.34, p. 02.

⁹⁹ A GAZETA, op. cit., 24.09.34, p. 02.

¹⁰⁰ TRINDADE, op. cit., p. 176. - "Portanto, o Estado Integralista em potencial, implantado no seio do Estado brasileiro, é muito mais do que um "contragoverno" ou gabinete de oposição. A reorganização da A.I.B., em 36, é bastante significativa para a análise do sentido da evolução do movimento. Esta mudança tem um duplo objetivo: um ideológico e outro eleitoral. O primeiro visa difundir entre os integralistas o espírito corporativista [...] e o segundo volta-se para um

Embora em sua composição houvesse profissionais diversos, não possuía representante das áreas industrializadas e nem mesmo fortes bases ideológicas.

A Ação Integralista derrotou o forte Partido Republicano bem como outros grupos políticos importantes, elegendo os prefeitos nas principais cidades do estado., porém, o golpe de 1937 confinou, politicamente, suas lideranças às áreas de colonização.¹⁰¹

Os interventores Aristiliano e Nereu Ramos, em seus respectivos governos, procuraram buscar uma política de nacionalização nas áreas de colonização germânica, cerceando a participação de políticos de origem germânica, no Legislativo Estadual.

Nas eleições municipais de março de 1936, seriam escolhidos vereadores, prefeitos e juizes dos 43 municípios catarinenses. O Partido Liberal participou sozinho, (exceto em dois municípios) sem qualquer ligação, enquanto as oposições unidas, formaram a União Republicana, sem permitir a entrada da Ação Integralista.

Mas a A.I.B., representando a terceira maior força, vinha crescendo gradativamente, principalmente nas áreas de colonização germânica.

Em Joinville e Blumenau, cidades em que os integralistas estavam melhor organizados, os demais partidos se uniram, formando a Frente Única em Joinville, e a União Democrática, em Blumenau.

A União Republicana, coligação de todas as oposições, venceu em Tijucas. em Lages também havia vencido, mas com a recontagem de votos, a vitória ficou para o Partido Liberal.

Em Itajaí, o partido Republicano preferiu apresentar-se sozinho, sem a participação legionária de Rupp Júnior ou mesmo de Aristiliano Ramos. Elegeu Irineu Bornhausen.

objetivo mais imediato, preparando a organização das eleições através da inscrição eleitoral de militantes e simpatizantes com vistas à candidatura de Plínio à Presidência da República em 37".

cunhado de Marcos Konder. Aliás, este foi o único município em que o partido foi vitorioso.

Os integralistas foram vitoriosos em vários municípios, dentre os quais, Blumenau e Joinville. Os demais municípios ficaram nas mãos do partido Liberal. A derrota dos grupos oposicionistas refreou a hostilidade que havia entre eles e o governo até 1937, quando da instalação do Estado Novo no Brasil e a reafirmação de Nereu Ramos no governo, agora, como interventor federal em Santa Catarina.

A criação do Estado Novo não dera aos integralistas a predominância ambicionada. Na palavras de SILVA, “[...] Plínio Salgado fora marginalizado e as mágoas e ressentimentos extravasaram na longa carta em que o mesmo relatou todos os entendimentos mal sucedidos.”¹⁰²

Os camisa-verdes sentiam-se frustrados. Plínio, porém, não rompera com Vargas. Uma amiga de Plínio, Rosalina Coelho Lisboa Miller, segundo SILVA, esforçou-se pela reaproximação, levando a Vargas a certeza de que o chefe integralista aguardava apenas ser chamado.

O trecho da carta de Rosalina, retrata esta afirmação :

V.Exa. tem a palavra do Plínio como queria. O que ele deseja agora, naturalmente, é conversar com V.Exa. Eu, como emissária, pediria a V.Exa., que o chamasse logo que puder para evitar as intrigas que os interesses maus que estão visando a separar esse apoio do Governo, e deixar o Governo sozinho[...]¹⁰³

Porém, a tentativa de manter essa estreita ligação não obteve sucesso, pois, a partir de 1938 é rompida e Plínio buscará exílio fora do Brasil.

¹⁰¹ TRINDADE, op. cit., p.234.

¹⁰² SILVA, Hélio. 1938: terrorismo em campo verde. O ciclo de Vargas- vol. x .Rio de Janeiro : civilização Brasileira . 1964, p. 80.

¹⁰³ Carta de Rosalina Coelho Lisboa Miller a Getúlio Vargas. Apud. SILVA, op. cit., p. 80.

5. INTEGRALISMO E NACIONAL - SOCIALISMO EM SANTA CATARINA

“A macieira e seus frutos pertencem ao dono do chão em que a árvore está plantada, e não ao dono da árvore que forneceu as mudas ou as sementes”.

(Franz Metzler)

Após a Primeira Guerra, o Tratado de Versalhes privou a Alemanha de suas colônias impondo uma grande dívida de reparação, dificultando sua recuperação econômica.

O nacionalismo baseado no princípio étnico, a reivindicação pelo status de grande potência imperialista e a defesa de um Estado forte, constituíam-se ainda em fortes anseios da sociedade civil.

Na análise de MAGALHÃES, por estas razões, as luzes lançadas pelos intelectuais de Weimar iam sendo tomadas por uma onda de pessimismo e derrota. Tais sentimentos eram alimentados em inúmeras associações, “[...] compostas de pequenos burgueses ameaçados pela proletarização, comerciantes e ex-combatentes que se organizavam.”¹⁰⁴

Provinham todos eles dos restos de partidos existentes antes da primeira guerra, e mesmo de pessoas que até então nunca haviam se interessado pela política. Essas associações forneceram um número considerável de novos adeptos e de novas idéias à causa pangermanista.

MAGALHÃES aponta que essa inquietação e pessimismo também fôra tematizada em língua alemã no Brasil, nos anos 20, quando novas levas migratórias chegam ao país.

¹⁰⁴ MAGALHÃES, Marionilde D. Brepohl. *Alemanha, mãe - pátria distante: utopia pangermanista no Sul do Brasil*. (Tese de Doutorado) UNICAMP – São Paulo, 1993. p.157/8.

entre as quais, vieram os que pertenciam a movimentos e partidos de orientação socialista.¹⁰⁵

A busca pela redefinição dos ideais do *Deutschbrasilianertum*, após a primeira guerra, postulava, segundo SEYFERTH, na defesa de princípios e direitos dos teuto-brasileiros, no que refere-se a utilização da língua alemã na vida privada, bem como o direito do voto que lhes dá a Constituição do país.¹⁰⁶

Ao definir o que se entende por *Deutschtum*, nos baseamos no trabalho da autora, que aponta :

O conceito de germanidade - ou *Deutschtum* - inclui tudo o que pode ser entendido como étnico [...] *Deutschtum* será aqui analisado como um conceito que abarca uma ideologia étnica teuto-brasileira definida a partir de critérios apropriados do nacionalismo alemão - portanto, é uma ideologia nacionalista transformada em ideologia étnica.¹⁰⁷

A problemática da germanidade vem associar-se ainda às noções de cidadania e nacionalidade. Segundo SEYFERTH, o que determina o fato de um indivíduo pertencer a um povo não é o local de nascimento, mas a sua etnia, baseada em normas culturais e fatores raciais.

O discurso sobre o *Deutschtum* conduz-se pela recomendação de obediência às autoridades brasileiras como uma estratégia de garantir seus valores, como a escola, as associações e a língua.

Logo, pensar em preservação consciente da germanidade em Joinville, nos remete ao início da sua colonização, dadas as preocupações dos colonos germânicos voltarem-se para a superação das dificuldades encontradas ao estabelecerem-se num ambiente diferente do local de origem, além de haver entre os colonos, a heterogeneidade regional. SEYFERTH comenta que

¹⁰⁵ MAGALHÃES, op. cit. p. 159.

¹⁰⁶ SEYFERTH, (a) op. cit. p. 83.

A separação entre nacionalidade e cidadania se tornou muito mais evidente a partir da propaganda nazista: os teuto-brasileiros estão integrados ao Estado brasileiro e à etnia alemã, mas não ao Estado alemão representado pelo nacional-socialismo. Não sendo cidadãos da Alemanha, nada tem em comum com o governo alemão e muito menos com um partido político alemão.¹⁰⁸

Em Santa Catarina, segundo FALCÃO, o componente imigrante na sua população desde o século XIX, contribuiu para várias discussões de sua identidade, “[...] e, sobretudo, quanto ao encaminhamento do que seria uma efetiva integração nacional de parte considerável de seus habitantes[...]”¹⁰⁹

Quanto a isto, podem ser citados,

[...] a polêmica em torno dos quistos étnicos e do perigo alemão[...]; a acolhida ao Integralismo por parcelas expressivas da população residente nas zonas coloniais e a sua repressão por parte das autoridades governamentais, associada a uma vigorosa campanha de nacionalização e de combate ao nazi-fascismo[...]¹¹⁰

SEYFERTH recorda que

Os grupos locais do NSDAP e seu objetivo de recuperar os teuto-brasileiros para a nação alemã, provocaram, em jornais como o **Urwaldsbote** e o **Kolonie-Zeitung**, uma reafirmação da identidade teuto-brasileira.¹¹¹

Quanto a formação de células da organização do Exterior - *Auslands organization* (A.O.) - do NSDAP no Brasil, as mesmas iniciam-se com a criação de grupos locais e a divulgação de material de propaganda do partido.

¹⁰⁷ SEYFERTH, (b) op. cit., 03-04.

¹⁰⁸ SEYFERTH, (b) op. cit., 98.

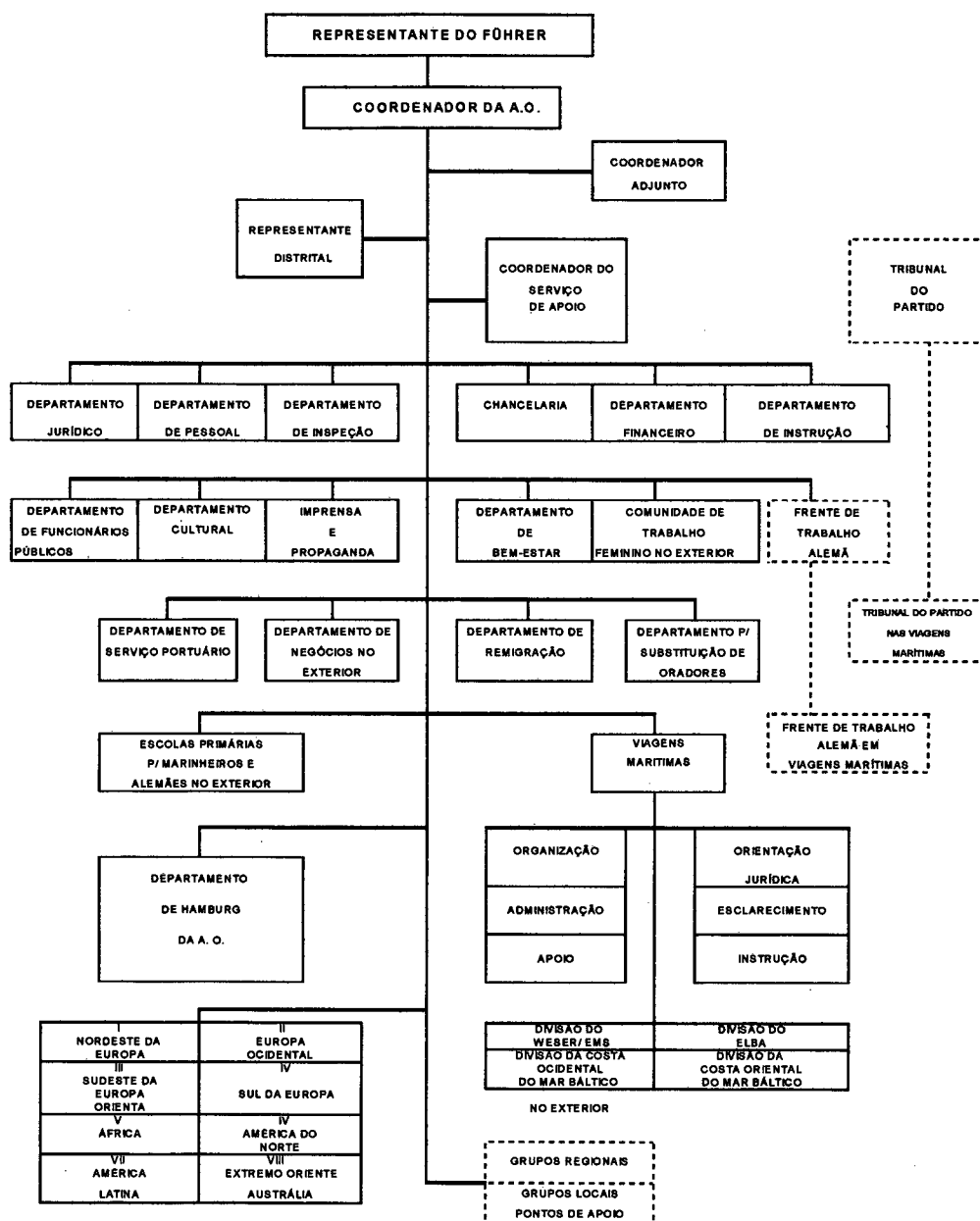
¹⁰⁹ FALCÃO, Luiz Felipe. Entre ontem e amanhã: diversidade cultural e separatismo em Santa Catarina, DEPARTAMENTO DE ESTUDOS GEOHISTÓRICOS, Universidade do Estado de Santa Catarina - in: Anais Eletrônicos - UFMG, 1997, p. 640.

¹¹⁰ FALCÃO, op. cit, p. 640

¹¹¹ SEYFERTH, (b) op. cit., p. 96

As células dos A.O. pretendiam ser instaladas em regiões nas quais se observasse uma homogeneidade cultural, política e ideológica em torno da causa germânica. Como tarefa, deveria ser inculcada a mentalidade comunitária definida etnicamente, pois, ao manter-se pura, perduraria como uma parte do solo alemão . A seguir, no quadro 02, ilustramos a organização dos A.O. :

Quadro 02 – Estrutura interna da organização do NSDAP para o exterior – 1937¹¹²



Fonte: MAGALHÃES (1993: 177)

¹¹² MAGALHÃES, op. cit., p. 177

Diante disso, é possível compreender porque passou a proliferar no Brasil, a idéia do *'perigo alemão,'* como o faz RIBAS,¹¹³ capitão da Polícia de Ordem Política e Social Catarinense.

Ao proferir palestra no Rotary Clube de Florianópolis em 1943 , exaltou o papel da polícia contra o Nazismo em Santa Catarina, principalmente contra a cidade de Blumenau, que era a sede do IV Círculo da organização partidária no estado, subordinando-se à essa cidade núcleos do partido existentes em outros municípios, dentre eles, Joinville. Os demais círculos estavam compostos em diversas localidades do Brasil, os quais podemos observar no quadro 03:

*Quadro 03 - Localização dos Círculos do Partido Nazista no Brasil.*¹¹⁴

Círculo I	Capital Federal
Círculo II	São Paulo
Círculo III	Paraná
Círculo IV	Santa Catarina
Círculo V	Rio Grande do Sul
Círculo VI	Bahia
Círculo VII	Pernambuco

Fonte: RIBAS (1943: 23)

RIBAS observa que em Santa Catarina, as organizações partidárias que desenvolviam suas atividades estavam assim compostas:

¹¹³ RIBAS, Antônio Lara.(a) *A Ordem Política e Social e a Campanha Contra o Nazismo no Estado de Santa Catarina*.Palestra realizada no Rotary Club de Florianópolis em 05 de maio de 1943.

¹¹⁴ _____ .(b) *O punhal nazista no coração do Brasil*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1943. p. 23ss.

- Partido nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP);
- Juventude Teuto Brasileira (HJ);
- Comunhão de Trabalho de Mulheres Nacional Socialistas (NSF);
- Associação de Professores Nacional Socialistas (NSLB);
- Frente de Trabalho Alemã (DAF).¹¹⁵

A organização que ora expomos era apresentada por RIBAS como um aparato de espionagem montado pela Alemanha em território brasileiro. Segundo o autor, a propaganda do NSDAP contava não apenas com a imprensa, rádio e escolas, mas também com o auxílio de conferências proferidas quase sempre por escritores alemães.

Entre os periódicos editados em alemão havia dois que se destacavam: o *Der Urwaldsbote*, de Blumenau, e o *Kolonie Zeitung*, de Joinville, que apresentavam princípios do nazismo e do integralismo.

SEYFERTH nos recorda que, no Vale do Itajaí, o jornal que mais se aproximou dos ideais nazistas foi o *Blumenauer Zeitung*, que também manifestou apoio ao Integralismo.

Isso nos dá elementos para compreender porque a Campanha de Nacionalização, em 1938, se justificaria não apenas para combater o nazismo no estado, alertando para o chamado "*perigo alemão*", mas também para combater o Integralismo, tomado por uma organização que trazia em si, o que Nereu Ramos chamou de Hitlerismo.

A analogia proposta por Lara Ribas e Nereu Ramos, se deve principalmente ao fato de ambos os partidos políticos - NSDAP e A.I.B., ainda que distintos, apresentarem em seu discurso, junto aos teuto-brasileiros, o combate ao comunismo.

Brasileiro de origem alemã, atende a voz da terra em que nasceste. Se tu fosses alemão, certamente serias Nacional-Socialista. Por que? Brasileiro de origem

¹¹⁵ RIBAS (a), op. cit., p. 20. Além dessas organizações, havia outras que não citamos, as quais podem ser conferidas na referida fonte.

italiana, se tu fosses italiano, serias fascista. Por que ? Hitler arrancou a grande pátria germânica das garras do comunismo. Mussolini restaurou a glória de Roma.¹¹⁶

As canções de cunho nazista e integralista, também eram propagadas nas festas regionais, entoadas em língua alemã e exaltavam a força do povo germânico, a importância do trabalho como fator de desenvolvimento sócio-econômico.

Certamente, cada um dos partidos buscava proliferar suas idéias, acentuando à realidade vigente, um discurso que se assentasse da melhor forma possível nas áreas de colonização alemã, as quais eram compostas também pelos descendentes, denominados Teuto-Brasileiros.

Ao pretender exercer influência ao mesmo tempo em que buscava atrair as comunidades situadas nas áreas de colonização alemã, compreende-se porque em 1938, Ernst Wilhelm Bohle, chefe da organização exterior do Partido Nazista, e também Secretário de Estado do Ministério do Exterior Alemão, demonstrasse sua preocupação com as atividades dos grupos políticos.

De acordo com SILVA, a situação política na América Latina em 1938 preocupava Bohle. Por esse motivo, ele enviou instruções a todas as missões alemãs.:

Como primeira recomendação, determinava que evitassem atividades ostensivas e concentrassem as forças na doutrinação interna. Preocupava-se também, em salvar as aparências, determinando que fossem excluídos do partido, pessoas com dupla nacionalidade e elementos do Volksdeutsche. Mas por outro lado, que se estabelecessem organizações formadas por cidadãos alemães, que seriam dirigidas pelo partido nazista.¹¹⁷

A Alemanha mantinha, a serviço do NSDAP, uma representação no Brasil, abrangendo a diplomática e a política, que era uma delegação do partido nazista, conforme quadro 02.

¹¹⁶ RIBAS (b). op. cit., p. 31

¹¹⁷ SILVA, op. cit., p.86.

O ressurgimento do nacionalismo alemão propiciou a formação do partido Nazista e de sua liderança no estado, que estava nas mãos de Franz Nietzsche e seu assessor Franz von Knoblauch, com a Sede em Blumenau.

As reuniões ocorriam nos núcleos e nas residências. Mas esse partido não conseguiu tantos adeptos quanto o Integralismo. As lideranças dos núcleos nazistas eram ocupadas pela classe média e não por suas elites.

Os grupos dominantes afastavam-se de uma posição favorável em relação ao partido e às vezes, até opunham-se não apenas ao fator de estratificação social, mas também pela repressão de seus dirigentes junto a população de origem alemã. O que supostamente contribuiu para que muitos aderissem ao Integralismo e não ao NSDAP.

Mas isto não significava repúdio à ideologia do NSDAP, como já expusemos no início deste capítulo.

Ainda que houvesse simpatia dos teutos ao partido Nazista, não lhes era permitido aderirem, pois somente aos alemães natos era permitido participar, seguindo a recomendação de Ernst Wilhelm Bohle.

A idéia de que o Integralismo apresentava-se à imagem do Nacional-Socialismo em Joinville, também era defendida por Carlos Gomes de Oliveira, que equiparou o crescimento do Nazismo ao movimento integralista que surgiu:

[...]surgiu um movimento integralista, chefiado por Aristides Largura. Esse movimento se alastrou não só em Joinville, nas regiões de população germânica. Dai [...] aquele traço que ele demonstrou ser de um movimento semelhante ao nazismo, que realmente foi: foi nessa época que o nazismo tomou impulso[...].¹¹⁸

¹¹⁸ OLIVEIRA, Carlos Gomes. *Entrevista*. Joinville. Arquivo Histórico. 1987. Entrevista concedida à S. THIAGO, Encida Raquel, em 25 nov. 1987, p.27.

Isso fez com que muitos autores acreditassem que a radicalização dos partidários nazistas e a precariedade de suas lideranças locais é que conduziram à baixa participação dos teutos ao próprio partido. E, via de regra, ao fortalecimento do Integralismo pela similitude à ideologia alemã, bem como àqueles que tomavam uma posição favorável ao Nazismo, mas que, por motivos de ordem institucional do partido, não poderiam aderir, encontrando saída no Integralismo.

Essas intrincadas situações levaram o Integralismo a ser comparado pelas autoridades policiais e políticas da época, à própria feição do Nazismo. Entretanto, SEYFERTH nos recorda que tal associação pode ser explicada pela definição confusa da imprensa teuto-brasileira, do que seria o Integralismo. O jornal *Kolonie-Zeitung*, apresenta o integralismo como o ‘nacional-socialismo brasileiro’.¹¹⁹

Na análise de SEYFERTH, para a imprensa teuto-brasileira,

Tal como o nazismo, o integralismo teria surgido como o partido que promoveria a ‘reconstrução’ do Brasil. O paralelo, então, está feito[...] A partir de 1934, contudo, este paralelo deixa de ser importante porque outro problema passa para o primeiro plano: de que maneira o integralismo irá resolver a questão dos imigrantes alemães e seus descendentes?¹²⁰

Nesse contexto, os anos 30 marcaram, em âmbito nacional, estadual e local, quer pelas pressões internacionais, ou pelas exacerbações nativistas internas, uma crise sócio-política-cultural da população de origem germânica. Joinville não foi exceção, desencadeando-se a Campanha de Nacionalização,¹²¹ que pode ser sentida nas palavras de

¹¹⁹ KOLONIE- ZEITUNG, ano 71, nr. 83, 25/10/1933.

¹²⁰ SEYFERTH, (b) op. cit., p. 103.

¹²¹ Cf. COELHO, Ilanil. **Joinville e a Campanha de nacionalização**. (Dissertação de Mestrado) em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos: São Paulo, 1993 Disponível na Biblioteca da UNIVILLE - Universidade da Região de Joinville

Gerda Hageman : “E eles [...] nos tinha tanto ódio [...] tanto ódio de alemão! É. Foi a nacionalização...”¹²²

Neste momento crucial para a população teuta, o Integralismo apresentou-se como o Partido que iria respeitar e valorizar as crenças, costumes e idioma do Teuto-Brasileiro. O que certamente contribuiu para que o integralismo penetrasse nas áreas de colonização alemã, justificando ainda, a adesão dos teutos a simpatizarem com o movimento.

Para SEYFERTH, “A nacionalização, em suma, teve como propósito transformar o *Deutschbrasilianertum* em brasilidade, eliminando para isto, a ‘nacionalidade fictícia’ dos teuto-brasileiros”¹²³.

¹²² HAGEMANN, Gerda. **Entrevista**. Joinville: Arquivo Histórico, 1989. Entrevista concedida a S. THIAGO. Encida Raquel, em 30 de março 1989, p.37-40.

¹²³ SEYFERTH, (b) op. cit., p. 185.

6.FUNDAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO NÚCLEO INTEGRALISTA JOINVILENSE

“Se queremos resistir aos poderes que ameaçam suprimir a liberdade intelectual e individual, devemos conservar, bem nítido diante de nós o que está em jogo e o que devemos àquela liberdade que nossos antepassados conquistaram para nós depois de árduas lutas.”

(Albert Einstein)

Na década de 30, a conjuntura econômica do país apresentava grande desemprego, e em Santa Catarina a situação não era diferente. Segundo COSTA, em Joinville, os “[...] jornais noticiavam com alardes e pesares a ‘asa negra’ da miséria que cobria a cidade.”¹²⁴

Ao estudar a organização da luta dos trabalhadores joinvilenses e das formas de controle organizadas pelo empresariado joinvilense entre 1917 e 1943, COSTA indica que nos anos 30,

As alianças políticas eram constantes, os elogios aos governadores ou interventores também, mas o descontentamento com o retorno político destas alianças para Joinville era manifestado em várias ocasiões, demonstrando as contradições que haviam nas relações políticas do município que, apesar das divergências, ascendiam economicamente, inaugurando-se estabelecimentos comerciais e industriais continuamente nos mais diversos setores: do cerâmico ao metalúrgico.¹²⁵

Saliente-se que desde o final da década de 20, a crise econômica também afetava Joinville.

¹²⁴ COSTA, Iara Andrade. **A cidade da ordem: tensões sociais e controle - Joinville:1917/1943.** (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1996. p. 36.

¹²⁵ COSTA, op. cit., p. 37.

Ainda que o discurso da laboriosidade persista (até os dias atuais) em afirmar que Joinville é a ‘cidade das flores’, ‘dos príncipes’, este discurso trazia, segundo COSTA,

[...]uma preocupação enorme com a outra Joinville, que diretamente proporcional ao seu encantamento e desenvolvimento [...] além da falta de lazer, tinha-se problemas muito sérios a serem contornados como a mendicância, higiene e saúde[...] instrução, transportes[...] ¹²⁶

Entre os anos de 1930 a 1940, o município destaca-se como grande centro industrial, cuja expansão maior culmina em 1950, momento em que empresas como a Consul, Hansen e Tupy ampliam suas indústrias, dentro e fora do país. Mas a população continuava a receber baixos salários.

O discurso de uma Joinville das flores, dos príncipes e das bicicletas traz a tona entre 1930-1940, a outra Joinville, que na análise de COSTA, “Nos seus rincões de bairros afastados,[...] não possuíam flores, bicicletas ou histórias de príncipes e sim palafitas nos mangues, sem infra-estrutura, esgoto a ‘céu aberto’ correndo [...] poluindo rios, céus e mares [...]” ¹²⁷

É nesse cenário que em Joinville organiza-se, na década de 30, a instalação do núcleo integralista.

Os integralistas apreciavam demonstrar disciplina, hierarquia e organização. Chegaram a fundar mais de mil núcleos da Ação Integralista pelo país. Estabelecidas as bases necessárias de divulgação em Joinville, restava fundar o núcleo joinvilense.

Em 11 de maio de 1934, após a convocação para uma reunião na Liga de Sociedades, que era uma sociedade germânica, fundou-se o Núcleo Integralista de

¹²⁶ COSTA, op. cit., p. 51.

¹²⁷ COSTA, op. cit., p. 40.

Joinville, de cuja reunião fizeram parte (entre outros), Aristides Largura, João Roberto Moreira, Plácido Gomes de Oliveira e Xavier Schenk.

A reunião foi presidida por Largura e nela realizou-se a votação para o cargo de coordenador chefe do movimento em Joinville, os resultados da votação foram divulgadas no Jornal de Joinville.¹²⁸ Convém destacar que, com exceção de Xavier Schenk, de origem alemã, os demais não descendiam de origem germânica.

Quanto ao resultado do pleito, houve empate de 20 votos entre Largura e João Roberto Moreira que cedeu seu lugar à Largura, precursor do movimento. Pelos nomes averiguados no Arquivo Histórico de Joinville, nota-se uma baixa participação de teuto-brasileiros.¹²⁹

Para arregimentar forças, o movimento realizou marchas pelas ruas principais da cidade, notificando-se no Jornal de Joinville, e criando, assim, a ilusão de um ambiente disciplinarizante e homogêneo, que, pelo planejamento e ininterruptão, empolgava a população.

Em Joinville, com raras exceções, os elementos que se apresentavam no cenário político, eram, até aquele momento, descaracterizados da 'tradição' política, refletindo intrincada questão ao buscar-se definir a adesão desta população ao Movimento integralista.

Parte-se do pressuposto que parte da resposta à assimilação ou não desta população, incide na figura de Aristides Trentini Largura.

¹²⁸ JORNAL DE JOINVILLE, 12.05.34.

¹²⁹ O que não significa que não havia uma participação política dos teutos, pois, a seguir, apresentaremos alguns dos nomes de vereadores que compoaram a Câmara Municipal de Joinville, instalada a partir de março de 1936, os quais, em sua maioria, eram teuto-brasileiros.

Largura nasceu em São Bernardo, município de Rio dos Cedros, localizado no estado catarinense. Era descendente de italianos e casou-se, em 1928, com a teuto-brasileira Maria Grott, cuja família provinha do Rio Grande do Sul.

Nessa época, Largura atuava como comerciante em Rio do Sul, na firma de exportação de fumo de seu pai.

Os percalços financeiros enfrentados pela firma contribuíram para que o mesmo ingressasse no Magistério de Joinville, como diretor do Grupo Escolar Joaquim S. Thiago. Lá, permaneceu até 1930, data em que foi transferido para a direção do Grupo Escolar Conselheiro Mafra.

Em fins de 1931, quando de sua transferência para a cidade de Blumenau, Largura recebeu o convite de Ana Harger, então diretora de uma das mais tradicionais escolas germânicas de Joinville (denominada posteriormente, Colégio Bom Jesus), para o cargo de professor do ensino secundário, onde, aliás, conseguiu seu registro no Ministério da Educação, por intermédio de Ana Harger. Porém, tendo que assumir suas aulas em Blumenau, retornou somente seis meses depois para lecionar no Instituto Colégio Bom Jesus.

Por volta de 1933, o secretário estadual do Interior, doutor Plácido Olympio de Oliveira ofereceu-lhe o cargo de Inspetor Escolar Estadual, com sede em Joinville, acumulando-lhe, ainda, a função de Inspetor Municipal.

Há que se frisar que é nesta fase que Aristides Largura, em contato com a colonização alemã e já tendo conhecimento da ideologia integralista com a qual identificara-se, passou a propagar a mesma como forma de resolver os problemas de assimilação e integração daquela população à vida nacional, a qual passou a ser, para ele, uma preocupação constante.

Com a função de inspetor, procurava uma maneira de inserir-se entre eles , pois afirmava que :

o imigrante alemão se fez pelo seu mérito, pelo seu esforço [...]Quando surgiu o Manifesto Integralista que se apoiava na trilogia : “ Deus, Pátria e Família” [...]percebi que seria talvez uma maneira de penetrar nesses núcleos. [...] Daí eu tê-lo abraçado com entusiasmo e difundido o Movimento Integralista [...] Lá em Joinville [...] eu fui o semeador [...] fui eu o semeador do Integralismo naquela ocasião[...].¹³⁰

Partindo-se do pressuposto de que as escolas eram um fator de preservação e cultivo do Deuschtum e por isso, fator de freio à assimilação da cultura nacional, faria sentido a estratégia de Largura, que, respeitado como autoridade legal no campo da Educação, fizesse uso do cargo na construção de sua doutrina.

Mas, ainda que se adicione esta questão ao reaquecimento do Deuschtum, influenciado pela ascensão do Nacional Socialismo na Alemanha, torna-se impraticável querer ‘medir’ o grau de assimilação do elemento de origem germânica, através do Integralismo.

A única evidência que é possível alcançar , através da análise das afirmações de Largura, é a edificação do princípio de autoridade, como forma de coerção e manipulação das relações socioculturais , através dos estabelecimentos escolares.

Paralelo a esta doutrinação, se é que assim podemos denominá-la, passam a dar apoio, a partir de 1933, à difusão da concepção integralista, os jornais de língua alemã e brasileira.

O Integralismo possui actualmente o melhor jornal do País - que é ‘A Offensiva’ . Em todas as provincias existem jornaes que fazem a propaganda das idéass integralistas. Em Sta. Catharina temos muitos deles. Para só citar alguns: ‘O Anauê’, de Joinville, sob a direção de José de Carvalho Ramos e Ernani Bessa; ‘A Vanguarda’, de S. Francisco, dirigido por Beneval de Oliveira; ‘O Pharol’, de Itajahy [...] a ‘Alvorada’, de

¹³⁰ LARGURA, Aristides. **Entrevista**. Joinville, Arquivo Histórico, 1986. Entrevista concedida a FREITAS, Dúnia Toaldo de, em 06 mar. 1986. P. 11-14

Blumenau, sob a direção de Ferreira da Silva: o 'Jaraguá', orientado por Ricardo Grunewaldt [...] ¹³¹

Já dissemos que em Joinville a propaganda integralista fazia-se pelo *Joinvillenser Zeitung* e pelo *Jornal de Joinville*, ambos pertencentes a Eduardo Schwartz, os quais também efetuavam a propaganda nazista.

Grande parte da propaganda visava atingir os jovens, conclamando-os a alistarem-se no Movimento.

Apresentando os objetivos integralistas, como por exemplo, um Estado forte, indivisível e integral, elaborou-se assim, a preservação dos princípios conservadores de moral e civismo, procurando induzir a conversão dos jovens em trabalhadores da pátria.

Mas não eram apenas os jovens que a propaganda procurava atingir. Também as mulheres eram conclamadas, como constatamos No *Jornal de Joinville*, na seção feminina da Ação Integralista do Rio Grande do Sul, sob o título "*O Papel da mulher brasileira em face do Integralismo*", assinado por Edith Ott:

Precisamos unir-nos, companheiras: cerrar fileiras em torno dos nossos ideais[...] a família, a nossa família e o nosso lar querido também são objetos de ataques dessa horda comunista[...] Nisto consiste, justamente minhas companheiras, a grande obra da mulher brasileira - agindo como apaziguadora e medianeira quando deparar com a triste realidade, vendo que seu marido e seu irmão está sendo instigado contra o próximo[...] é uma afronta sem qualificativos - à moral, as nossas famílias, à nossa Pátria - essa propaganda comunista[...] ¹³²

Porém, é importante frisar que a atuação da mulher conclamada a 'participar' politicamente, restringia-se a função de '*dona do lar*', *esposa e mãe*, conforme observamos no artigo intitulado "*O decálogo da mulher fascista*" :

¹³¹ O Comunismo e o Integralismo. JORNAL DE JOINVILLE. Joinville, (85): 2, 12 abr., 1935.

¹³² JORNAL DE JOINVILLE, (75): 1, abr. 1935

Os problemas da paz e da harmonia no lar [...] que desafiam a inteligência humana, tem batido[sic] records. E cada vez mais divorcios se impõe vitoriosos[...]Segundo La Stamm, do Turym, eis o decálogo da mulher fascista [...] ama teu marido sobre todas as coisas[...] considera teu marido um hospede, como um artigo precioso: que tua casa esteja em ordem e que teu rosto sorria quando ele entra.[...] Se teu marido se aborrecer de ti, agrada-o e s'ele te abandonar, procura-o porque não és somente sua mulher, mas a honra de seu nome[...]¹³³

Apropriando-se de discursos que se assemelhavam ao extremismo europeu, o Integralismo em Joinville não só instrumentalizou o sentido da obediência e disciplina, exigência essencial para o controle das relações sociais, mas retomou a idéia patriarcal de subserviência da mulher ao marido.¹³⁴

A averiguação dos recortes de jornais refletem a confirmação de um Movimento autoritário que foi estabelecendo-se através de uma política militarizante do corpo que se pretendia 'moralizado', o qual seria a base do controle do trabalho do homem.

Também as atividades relacionadas ao núcleo integralista, eram publicadas nos jornais, como verificamos no *Jornal de Joinville*, de 09 de setembro de 1934, o qual documentou a manifestação joinvilense à chegada de Plínio Salgado no dia anterior:

[...] hontem, pouco antes das 18 horas, chegou a Joinville, o ilustre Sr. Dr. Plínio Salgado, chefe nacional da Ação Integralista Brasileira [...] O seu discurso foi uma manifestação de patriotismo e fé, arrebatou a multidão que por várias vezes, estrugiu em aplausos¹³⁵

E reforçou-se ainda mais o pensamento e prática integralista pela afluência de notícias jornalísticas, filmes e marchas públicas em 1935, construindo-se uma imagem de

¹³³ O Decálogo da mulher fascista. JORNAL DE JOINVILLE, Joinville, (71): 1-2, 26 mar. 1935.

¹³⁴ Não temos o intuito de discutir a relação de gênero, porém, não poderíamos deixar de refletir sobre importante questão que se faz presente.

¹³⁵ JORNAL DE JOINVILLE, 18.09.1934

crise tão real quanto imaginária, ao enfatizar-se temas como: *a força das idéias; Deus, Pátria e Família; o trabalho integralista; o Integralismo e a questão operária.*

Além do aspecto ideológico, no ano de 1935 temos também o período de repressão do governo estadual ao movimento. Aristides Largura foi transferido de Joinville por intermédio de Nereu Ramos, como advertência para que o mesmo se afastasse da política, uma vez que o movimento integralista havia se transformado em partido político.

Esse posicionamento não pode ser analisado apenas como uma simples questão de oposição partidária, mas também por existir um grande contingente de integralistas neste Estado, distribuídos pelas zonas de colonização alemã.

A transferência de Largura para Blumenau, implicou na nomeação de Rocha Loures como novo coordenador do movimento.

Entretanto, a estratégia de transferir Largura como forma de pressão para que ele deixasse o movimento, não deu certo. Mesmo retraído em Blumenau, ele continuou sua ação política, o que levou-o à demissão do cargo de inspetor escolar, pois não acatara a 'sugestão' do governador Nereu Ramos. Aristides Largura recebeu apoio dos amigos, conseguindo o cargo de diretor de um jornal, tendo como companheiro de trabalho, o integralista José Ferreira da Silva.

O jornal de Joinville, solidário com Largura, elogiou-o enquanto militante integralista, o que contribuiu para veicular seu nome como candidato à prefeitura de Joinville para as eleições de 1936, época em que ele se encontrava em Curitiba.

Fundamentando a campanha na imagem que possuíam de Largura, a população elegeu-o a prefeito. O curioso neste aspecto, é que os principais elementos tradicionais da

cidade, embora opositores, uniram-se numa Frente Única Pró Joinville, desistindo de suas candidaturas em favor de um único candidato, o farmacêutico Sérgio Fonseca Vieira.

Essa coligação visava enfraquecer as bases integralistas, contando ainda com o jornal *Kolonie Zeitung*, que era um forte meio de comunicação com os alemães.

Assim, influenciados pela promessa de ascensão social, entre outras promessas, os teutos optaram pelo Integralismo também como forma de assumirem o poder e concretizarem seus interesses de classe, pois, embora a A.I.B. ostentasse símbolos e fosse um partido nacional, os teutos acreditavam que não haveria motivos para temer a exasperação dos nativistas.

Ressalte-se ainda que, quando Aristides Largura foi eleito prefeito de Joinville, na instalação da Câmara Municipal em março de 1936 e na Ata da sessão de posse do prefeito em 04 de abril de 1936, os vereadores que presenciaram a posse de Largura, compõem-se, em sua maioria, de vereadores teuto-brasileiros:

Na sessão de posse do prefeito Aristides Largura em 04/04/1936, compareceram os vereadores: José Koerbel Jr.; Otto Gfnetzenreuter (?); Roberto Schmidlin; Frederico A. Hneber (?); Max Colin; João Alfredo Schroeder; Fernando Friedler; Gustav Schossland; Otto Hoempcke; Rodolfo Jacob Hnelner; Frederico Guilherme Kricheldorf [...]¹³⁶

Podemos constatar que, mesmo em pequeno número, havia a participação teuta na política joinvilense. E podemos também confirmar que a fala hostil, apresentada no capítulo I, não é coerente, ao acusar o teuto-brasileiro de não atuar na política.

Discutiremos a seguir, sobre a política joinvilense e a participação teuta, procurando responder a segunda questão apresentada inicialmente neste estudo.

¹³⁶ ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE. Ata da Sessão Extraordinária do dia 04/04/1936 - Livro de Ata n. 14 do Conselho Consultivo e n. 01 da Câmara Municipal de Joinville - 1932-1938.

6.1. O Integralismo no contexto joinvilense: identidade teuta?

Por que pensou-se no Integralismo enquanto identidade teuta? Teria realmente sido esta a visão de Aristides Largura, ao penetrar nos núcleos de colonização e pregar o Integralismo?

Vejamos, germanidade é a tradução da palavra *Deutschum*. Segundo GERTZ,¹³⁷ é a tradução usada muitas vezes para designar simplesmente o conjunto da população alemã e descendentes. Entende-se, ainda, por *Deutschum*, a prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã, e pode ainda significar as duas coisas ao mesmo tempo.

Determinar quando o germanismo assumiu proporção significativa, não é o meu intuito, mas refletir sobre os elementos que pairam sobre a preservação consciente da germanidade, que coincide, a grosso modo, com o interesse da Alemanha pelos seus emigrados a partir, especialmente, da última década do século XIX. Elementos estes, encontrados na manutenção da língua, dos costumes e do que chamavam de pureza do sangue no século XIX.

No decorrer dos anos, o movimento germanista criou vários conceitos. Logo, a palavra *Deutschum* era substituída, muitas vezes pelo conceito genérico de *Volkstum*, que poderia ser traduzida por etnia. Várias vezes se desenvolveram discussões acirradas em torno do extenso vocabulário elaborado, discutindo-se sobre o que era *Vaterland* (pátria); *Staat* (Estado); *Volk* (povo); *Deutschbrasilianer* (teuto-brasileiro), etc.

Franz Metzler, editor do Jornal Católico *Deutsches Volksblatt*, publicou vários livros sobre este assunto e, entre eles, a obra de RAUNEGGER, que afirma:

¹³⁷ GERTZ. op. cit., p. 32

[...] o teuto-brasileiro é um alemão completo - já que é parte integrante do povo alemão - mas ele também é brasileiro completo - já que de acordo com a legislação brasileira possui a cidadania brasileira.¹³⁸

Percebe-se que este texto ilustra a ideologia do Germanismo, nos anos trinta, quando do início da Era Vargas no Rio Grande do Sul, momento em que grassava em Santa Catarina, uma forte campanha antigermânica, que se dava como justificativa para a ação estatal, conhecida como Campanha de Nacionalização.

Segundo ALVES¹³⁹, conforme o projeto nacionalista de Vargas ia se aproximando do pensamento totalitário europeu, o estrangeiro - portanto, aquele que não possuía a verdadeira identidade brasileira almejada pelo governo - passou a ser visto como uma ameaça à segurança e à formação do sentimento nacional.

Importante se faz observar que a questão de assimilação apresentada, possibilita a seguinte indagação: se a população teuto-joinvilense aderiu ao partido, por seus discursos, símbolos e imagens assemelharem-se à ideologia Nacional Socialista, por que a mesma não aderiu ao partido Nazista existente no Estado?

Há que se pensar nas observações de SEYFERTH, que nos recorda :

A retórica da "regermanização" é um indicador preciso da especificidade étnica teuto-brasileira: embora se considerassem legítimos representantes de uma nação alemã etnicamente concebida, os teuto-brasileiros foram vistos pelos nazistas, como excessivamente brasileiros. A influência nazista não mudou muito a concepção de etnicidade, mas a ação concreta de um partido político estrangeiro, pautado pelo discurso racista da superioridade ariana, junto a uma população vista como problemática e excessivamente "alemã", resultou numa campanha de nacionalização forçada (preconizada desde o início da República, mas implementada, de fato, durante o Estado Novo). Mais uma vez a palavra de ordem era a assimilação. [...] Ao longo do tempo, a etnicidade teuto-brasileira foi reconstruindo seus símbolos, à medida que as "colônias alemãs" se tornavam mais brasileiras, permanecendo quase inalterada a idéia étnica da origem ou descendência

¹³⁸ GERTZ, op.cit., p.94.

¹³⁹ ALVES, Eliane Bisan. Comunidade alemã em São Paulo : estigmas de uma identidade (1930-1945) Artigo publicado nos Anais Eletrônico da ANPUH, jul. 1997, Belo Horizonte - MG.

comum [...] O *jus soli* não assegurou o pleno usufruto da cidadania[...] ¹⁴⁰

Para maior compreensão, é preciso lembrar que no século XIX, o papel político dos teutos estava restrito apenas à política local, com rara expressão regional, como exemplifica SEYFERTH, ao analisar o

[...] caso de Karl Koseritz, que assumiu a liderança política dos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul elegendo-se para a Assembléia provincial na década de 1880, a partir de sua atuação como jornalista. ¹⁴¹

A autora prossegue, indicando que a mesma situação aqui exemplificada por Koseritz, ocorreu em outras cidades, como por exemplo, Joinville. Nesse município havia uma imprensa atuante e lideranças políticas interessadas na mobilização do voto teuto.

Isto significa também que, mesmo após a emancipação das principais colônias alemãs do estado durante o Império, [...] “apenas um político teuto-brasileiro conseguiu se eleger como deputado provincial.” ¹⁴² Isso nos leva a indagar se a participação política do teuto-brasileiro foi atuante, como pregava a fala apologética, ao referir-se ao teuto-brasileiro como uma população que teve não apenas uma participação econômica, mas também política.

E ao citar os teutos como atuantes nesta política, exaltavam-nos, contrapondo-se à fala ofensiva. Esta última fala, sem citar, ainda que pequena, a atuação política do teuto, recriminava-o, reforçando os discursos, mais tarde, da campanha de nacionalização que ocorreria a partir de 1938, em Santa Catarina.

Confirmando a participação política dos teutos, ainda que em pequena dimensão, observamos com SEYFERTH que os políticos teuto-brasileiros de expressão regional e

¹⁴⁰ SEYFERTH, (b) op. cit., p.112

¹⁴¹ SEYFERTH, (b), op. cit., p.114

¹⁴² Idem Ibidem. op.cit., p.114-115

nacional só vão aparecer no período republicano, até porque o partido Republicano tinha muitos simpatizantes nas regiões de colonização alemã, especialmente em Blumenau, Brusque e Joinville.¹⁴³

Isto significa dizer que o cenário político catarinense até os anos 30, foi dominado, em parte, segundo SEYFERTH,

[...] por políticos vinculados ao Vale do Itajaí: Lauro Müller, Felipe Schmidt, Marcos Konder e Hercílio Luz. As trajetórias dos quatro são extremamente interessantes, porque os três teuto-brasileiros entram na política no melhor estilo brasileiro, enquanto Hercílio Luz aparece, em Blumenau, como simpatizante dos valores étnicos e defensor da população de origem alemã - recebendo apoio do mais germanófilo dos jornais em língua alemã em Santa Catarina - o *Der Urwaldsbote* (ou o Correio da Selva) [...]¹⁴⁴

Mas como explicar a adesão dos teutos ao Integralismo? Várias são as razões. A que mais parece ser aceita entre os trabalhos analisados, é a justificativa de que o Integralismo assemelhava-se aos movimentos fascistas.

Porém, é preciso pensar além desta simples justificativa, e, como já foi posto no capítulo V, ao analisar o jornal *Kolonie-Zeitung*,¹⁴⁵ o que se evidencia é a idéia de que o integralismo é apresentado como o ‘nacional-socialismo brasileiro’.

Como o Nazismo, o partido Integralista teria emergido para promover a “reconstrução do Brasil”. Mas como o Integralismo poderia resolver a questão dos teutos, se o partido também pregava como língua oficial o idioma português? Parte da resposta poderia estar no artigo publicado no jornal *Blumenauer Zeitung*:

¹⁴³ SEYFERTH, (b), op. cit., p.115

¹⁴⁴ Idem Ibidem.(b).op.cit., p.116

¹⁴⁵ KOLONIE-ZEITUNG, ano 71.n. 83, de 25-10-1933

O Secretário Nacional do Partido integralista afirmou que nem o Movimento Integralista e nem o Estado Integralista tem a intenção de roubar aos imigrantes estrangeiros e seus descendentes, o seu **Volkstum**, sua língua, seu ensino ou sua cultura próprias.¹⁴⁶

SEYFERTH comenta que os artigos publicados pela imprensa teuto-brasileira davam garantias de manter-se a língua alemã, embora não pudessem esquecer do ensino da língua portuguesa e disciplinas relacionadas à história do Brasil, pois, afinal, os mesmos viviam neste país.

Entretanto, os jornais (muitos deles, teuto-brasileiros) que faziam concomitantemente a propaganda nazista e a integralista, como podemos constatar nos jornais de Joinville e Blumenau (Blumenauer Zeitung, Kolonie-Zeitung e A Notícia), a partir de 1938, pressionados pela Campanha de Nacionalização, foram obrigados a publicar somente em língua portuguesa ou a fechar suas portas.

Publicar em língua portuguesa significaria o mesmo que encerrar as atividades dos jornais, pois a maioria dos leitores eram de origem alemã e só falavam alemão. Continuar publicando os artigos, porém, em português, também seria uma forma de sobreviver às pressões impostas pela nacionalização, porém, teriam que aceitar a imposição de incluir artigos nacionalistas brasileiros. O que resultou no fracasso da imprensa teuto-brasileira.

Não podemos esquecer que o primeiro passo para concretizar a Campanha de Nacionalização foi o fechamento das escolas alemãs, a partir de 1938. Posteriormente, proibiu-se a publicação dos jornais e o idioma alemão em qualquer lugar, além da censura à correspondência, seja aquela que era remetida para a Alemanha ou dela recebida.

Também aqueles que haviam se filiado ao partido Integralista, como exemplifica SEYFERTH, ao referir-se a Brusque, sofreram conseqüências, muitos sendo presos, sem

¹⁴⁶ SEYFERTH, (b), op. cit., p. 102.

entender o real motivo da prisão, embora tivessem uma parca idéia de que o partido era considerado “fora da lei”.

As proibições derivadas da Campanha de Nacionalização nos remetem a questão da cidadania, a qual, lembra SEYFERTH,

[...] é a mais significativa nesse contexto, mas ao lado dela devem ser destacadas as categorias que a nacionalização transformou em ‘estigmas’: alemão, estrangeiro, nazista, integralista. Todas elas são categorias empregadas pelos brasileiros para identificar ou designar os membros do grupo étnico *teuto-brasileiro*, cujo comportamento é considerado estranho e antinacional. [...] ¹⁴⁷

Outro aspecto que se faz necessário frisar, refere-se à categoria teuto-brasileira, que, durante a nacionalização, passou à condição de nacionalidade fictícia, inexistente.

SEYFERTH afirma que,

[...]essas pessoas . que tem uma ideologia nacional diferente. [...] são rotuladas por atributos depreciativos que variam desde às normas de conduta cotidianas até a traição à pátria. [...] À categoria ‘alemão’ se associam as de nazista e integralista. Assim, qualquer teuto-brasileiro cujo comportamento fugisse às regras estabelecidas pela nacionalização [...] podia ser chamado de alemão nazista ou simplesmente nazista. ¹⁴⁸

Ao afirmarmos que houve a identificação teuta com o Integralismo, não podemos esquecer que em Santa Catarina, de acordo com GERTZ, enquanto o “[...] integralismo era constituído de elementos das classes médias e operários[...] a liderança dos seus opositores era exercida pelos elementos economicamente dominantes” ¹⁴⁹

Certamente, dizer que o Integralismo venceu as eleições municipais em Joinville, e que parte da população era operária, contraria o pensamento de CHAUI. Porém, é preciso ressaltar que grande parte da economia catarinense que se desenvolvia com maior força na

¹⁴⁷ SEYFERTH. (b)op. cit., p.192.

¹⁴⁸ SEYFERTH. (b). op. cit., p. 193ss.

¹⁴⁹ GERTZ. op. cit., p. 197-8.

década de 30, caracterizava-se em cidades de colonização germânica, como por exemplo, Joinville e Blumenau.¹⁵⁰

Além disso, o discurso da laboriosidade nessas cidades se faz presente. Ainda hoje, quando os meios de propaganda e turismo referem-se a Joinville e Blumenau, trazem a tona a idéia de cidades ‘visivelmente alemãs’,¹⁵¹ onde impera a ‘ordem’ e o trabalho.

Outro aspecto a ser frisado, refere-se a denominada representação dominante. No capítulo IV, quando nos referimos à organização dos partidos para as eleições municipais de 1936, dissemos que em Joinville organizou-se a Frente Única Pró - Joinville, a qual concorreu como chapa de oposição aos integralistas, apresentando Sérgio da Fonseca Vieira como candidato.

Esta chapa era composta por “[...] elementos economicamente dominantes[...] líderes da economia joinvilense.”¹⁵² Na análise da Frente Única, como Largura poderia candidatar-se a prefeito, se ele vivera tão pouco tempo em Joinville, ao contrário de Sérgio da Fonseca, estabelecido há muito mais tempo na cidade e conhecido também pelo trabalho de farmacêutico que desenvolvia?

Situação semelhante ocorreu em Blumenau. Segundo GERTZ, “[...]do ponto de vista étnico a A.I.B. apresentava um candidato teuto[...] que vinha de Itajaí e trabalhara durante quase vinte anos na marinha mercante brasileira[...]”¹⁵³

Desta forma, podemos verificar que o Integralismo em Santa Catarina, distinguiu-se das demais regiões brasileiras, ao representar uma forte oposição e contestação às tradicionais lideranças locais, representando o que GERTZ denominou de “[...]um grupo novo em ascensão”.¹⁵⁴

¹⁵⁰ Cf. HERING, op. cit., cap. IV, p. 79-83 - que trata sobre o nascimento da indústria catarinense -; cap. V, p. 84-185 - no qual apresenta um panorama sobre as primeiras fábricas no Vale do Itajaí - e cap. VI, p. 185ss - no qual apresenta a diversificação da produção industrial.

¹⁵¹ Cf. FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Oktoberfest. Turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Obra Jurídica, 1997, col. Teses, vol. III.

¹⁵² GERTZ, op. cit., p. 198.

¹⁵³ Idem, op. cit., p. 198-199.

¹⁵⁴ Idem *Ibidem*, p. 200.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre o Integralismo e o Teuto-Brasileiro em Joinville, pareceu inicialmente, conflitante, dada a dificuldade de encontrar documentos para serem analisados.

Em entrevista informal, soube que grande parte da documentação que havia no Arquivo Histórico de Joinville sobre o referido tema foi queimada por ordem de um prefeito, cujo nome e data de mandato não foram indicados pelo entrevistado.

Porém, o entrevistado sugeriu que o prefeito a que se referia, mais tarde, veio a ser governador de Santa Catarina.

Há que se pensar que isto justifique parte da dificuldade existente para desenvolver a pesquisa, embora os jornais e as revistas tenham sido preservados, bem como os livros que abordam, de maneira geral, o Integralismo no Brasil.

A vitória do partido Integralista para as eleições municipais de 1936, em Joinville, leva-nos a indagar de que maneira é possível definir a adesão dessa população ao Movimento.

Considerando as questões apresentadas na subunidade anterior (6.1.), podemos dizer que a assimilação teuta ao integralismo, bem como a vitória do referido partido em Joinville ocorreu por vários motivos, entre os quais, temos:

- 1) a busca de uma ascensão social e política, por parte dos teutos, para que pudessem fazer valer os seus anseios;
- 2) a organização e penetração das bases integralistas, principalmente no nordeste do estado catarinense, nas áreas de colonização alemã, bem como o discurso

defensor dos interesses da população teuta, contribuíram para que os teutos simpatizassem com o Integralismo;

- 3) a hostilidade dos Ramos (Aristiliano e Nereu) às colônias alemãs, com medidas enérgicas que culminaram com a Campanha de Nacionalização também contribuíram para que o Integralismo fosse vitorioso nas eleições de 1936 em vários municípios.

Mas isto não significa que o Integralismo era realmente o caminho possível e certo para a ascensão social da população teuta, ou que ele iria cumprir as promessas eleitorais. E também não o isenta do caráter autoritário e conservador que apresentava em sua organização política.

Entretanto, nos faz concluir que a resposta à assimilação integralista ou não dessa população antecede a própria fundação do núcleo integralista em Joinville, no ano de 1934, através de Aristides Largura e sua atuação política, enquanto integrante do movimento.

Mesmo tendo sido removido de Joinville para Blumenau, em 1935, Aristides Largura continuou sua ação política junto às áreas de colonização alemã, tornando-se, em 1936, prefeito de Joinville. E o mais curioso é que Largura sequer falava o idioma alemão, necessitando de um intérprete quando falava com simpatizantes e/ou membros do partido Integralista, que só falavam esse idioma.

A vitória do Integralismo em Joinville nos faz pensar em dois aspectos distintos.

O primeiro aspecto refere-se a atuação repressiva por parte do governo estadual dos Ramos (Aristiliano e Nereu), que provocaram um descontentamento junto aos teutos, ocasionando a oposição ao Partido Liberal, pois, as medidas da Campanha de

Nacionalização contribuíram para que a oposição dos mesmos frente ao governo estadual aumentasse.

O segundo aspecto concerne ao destinatário do discurso integralista, composto pela classe média urbana, e pelo operariado. Influenciados pela expectativa de assumirem o poder e resolver os problemas que vinham enfrentando, como por exemplo, a Nacionalização, justificaria assim, a assimilação ao Integralismo. Além disso, havia ainda, a possibilidade de ascensão social.

Embora não tenhamos registro de um Partido basicamente teuto-brasileiro que expressasse unicamente seus interesses, é possível perceber a influência e participação dos mesmos nos acontecimentos políticos do Estado, no período que intermedeia a proclamação da República e a “Revolução de 1930”.

A predominância da cultura alemã, a instituição de ambos os partidos políticos (A.I.B. e NSDAP), o fechamento dos mesmos em 1937 e a iminência da entrada do Brasil na 2ª. Guerra Mundial, trouxeram reflexos enormes à população germânica, que, consideradas *Um Estado dentro do Estado*, culminaram em 1938, com a Campanha de Nacionalização.

Considerando-se a feição do imigrante alemão e seus descendentes na cidade de Joinville, composta pela consciência e a singularidade de seu nacionalismo pátrio à terra de ‘origem’, acreditamos que a integração desta população à sociedade brasileira, estabeleceu-se também, segundo uma estratégia sócio-política à preservação do próprio germanismo.

Portanto, podemos concluir que a assimilação teuta ao Integralismo, esteja relacionada a estes fatores e não apenas a idéia de que os mesmos ‘viam’ no Integralismo, similitude ao Nacional-Socialismo, uma vez que o NSDAP também possuía seu partido em Joinville.

Certamente, o presente estudo não está esgotado e, desta forma, penso que futuras pesquisas poderão discutir outras questões que não foram trabalhadas.

Mas creio que o tema proposto possa ter contribuído para a historiografia catarinense.

FONTES E BIBLIOGRAFIAS

1. Fontes Primárias:

a) Jornais:

KOLONIE ZEITUNG. (71) nr. 83, 25 out. 1933.

_____ . Joinville, 04 mar. 1934.

_____ . Der Governador von S. Catharina und die Integralisten. Joinville, 74 (24): 2, 24 mar. 1936.

SALGADO, Plínio. O horror das responsabilidades .**A Razão**. São Paulo, 01 jul. 1931.

A PÁTRIA. Florianópolis, 09 mar. 1933, p. 01.

_____ . Florianópolis, 28 ago. 1933, p.02.

A GAZETA. Florianópolis, 24 set. 1934, p. 02.

_____ . Florianópolis, 26 set. 1934, p. 02.

JORNAL DE JOINVILLE. 12 maio 1934.

_____ . 03 ago. 1934, p. 02.

_____ . 18 set. 1934.

_____ . 22 set. 1934, p. 02.

_____ . 01 out. 1934, p. 01.

_____ . O decálogo da mulher fascista. 971): 1-2, 26 mar. 1935.

_____ . 01 abr. 1935.

_____ . O Comunismo e o Integralismo. (85) 2, 12 abr. 1935.

2. Artigos de Periódicos:

DUTRA, Eliana R. de Freitas. O fantasma do outro: espectros totalitários na cena política brasileira dos anos 30. **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992. nr. 23/24.

LESSER, Jeffrey. Imigração e mutações conceituais da identidade nacional no Brasil durante a era Vargas. **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA** São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, 1995, nr. 28.

TRINDADE, Hélió C. Ação Integralista brasileira: aspectos históricos e ideológicos. **Revista Dados**. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas, nr. 10 [s.d.]

3. Palestra:

RIBAS, Antônio Lara. **A Ordem política e social e a campanha contra o nazismo no Estado de Santa Catarina**. Florianópolis : Rotary Club, 1943 [s.n.]

4. Entrevistas:

HAGEMANN, Gerda. Joinville: Arquivo Histórico, 30 mar. 1989, p. 37-40.[Entrevista concedida a Eneida Raquel S. Thiago].

LARGURA, Aristides. Joinville: Arquivo Histórico, 06 mar. 1986, s.p.[Entrevista concedida a Dúnia Toaldo de Freitas].

OLIVEIRA, Carlos Gomes de. Joinville: Arquivo Histórico, 25 nov. 1987, p.27. [Entrevista concedida a Eneida Raquel S. Thiago].

5. Monografias, Dissertações e Teses:

a) Monografias:

CAVALETT, Lauci A. **O Integralismo e o Teuto-Brasileiro em Joinville: 1920-1930**. [Monografia] Pós-Graduação da Universidade de Itajai- UNIVALI Itajai, 1995.

UNGER, Beatriz. **Joinville: uma ideologia em marcha**. [Monografia] Pós-Graduação da Universidade do Paraná - UFPR Curitiba, 1989.

b) Dissertação de Mestrado:

COELHO, Ilanil. **Joinville e a Campanha de Nacionalização**. [Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais] Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 1993.

COSTA, Iara Andrade. **A cidade da ordem: tensões sociais e controle - Joinville: 1917-1943**. [Dissertação de mestrado em História] Universidade Federal do Paraná Curitiba, 1996.

c) Teses de Doutorado:

DUTRA, Eliana R. de Freitas. **O Ardil Totalitário ou a dupla face na construção do Estado Novo**. [Tese de Doutorado] Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 1990.

MAGALHÃES, Marionilde D. Brepohl. **Alemanha, mãe - pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil**. [Tese de Doutorado] Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 1993.

6. Anais Eletrônicos [on line]:

ALVES, Eliane Bisan. **Comunidade alemã em São Paulo: estigmas de uma identidade-1930-1945**. Anais Eletrônicos da ANPUH. Belo Horizonte: UFMG, jul. 1997, s.p.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã: diversidade cultural e separatismo em Santa Catarina**. Anais Eletrônicos da ANPUH. Belo Horizonte: UFMG, jul. 1997, s.p.

7. Arquivos:

Arquivo Histórico de Joinville

Arquivo Professor José Ferreira da Silva - Blumenau - SC

Arquivo Público de Santa Catarina - Florianópolis - SC

8. Outros:

a) Livro de Atas:

Ata da Sessão Extraordinária. Livro de Ata n. 14 - Conselho Consultivo . Joinville, 04 abr. 1936

Ata da Sessão .Livro de Ata n. 01. Câmara Municipal de Joinville., 1932-1935.

b) Fotografias:

ARQUIVO JOSÉ FERREIRA DA SILVA. Pasta: Nazismo e Integralismo. Blumenau - SC

BIBLIOGRAFIA :

1. ARBIVOHN- pseud.[Raimundo Bandeira] **O perigo prussiano no Brasil.** Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1914, p.05.
2. BAKTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética.** A teoria do romance. 3.ed. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1993.
3. BARROSO, Gustavo. **O que o integralista deve saber.** 4.ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1936.
4. BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República:** de 1930 a 1960. São Paulo : Fulgor, 1965.
5. BETHLEM, Hugo. **O Vale do Itajaí - Jornadas de Civismo.** Rio de Janeiro : José Olympio,1939.
6. BERLINCK, E. L. **Fatores adversos da formação brasileira** .. São Paulo : 1954, p.219.
7. BOBBIO, Norberto [et al.]. **Dicionário de Política.** 7.ed. Brasília : UNB, 1995.
8. CARONE, Edgar. **O Estado Novo (1937-1945)** São Paulo : Difel, 1976
9. CHAUÍ, Marilena ; FRANCO, M. Sylvia C. **Ideologia e Mobilização Popular.** Rio de Janeiro : Paz e Terra/CEDEC , vol. 03 ,1978.
10. CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense,1980.
11. CERTEAU, Michel . **A Invenção do Cotidiano.** Rio de Janeiro : Vozes, 1994.
12. CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações.** Rio de Janeiro : Difel/Bertrand Brasil, 1990.

13. CORRÊA, Carlos HUMBERTO P. **Um Estado entre duas Repúblicas**: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina. Florianópolis : UFSC, 1984.
14. DECCA, Edegar S. de . **O silêncio dos vencidos**: memória, história e revolução. São Paulo: Brasiliense, 1994.
15. DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**. Estudo crítico da história da Igreja de Confissão Luterana no Brasil. Caxias do Sul : Sinodal , 1984.
16. FAUSTO, Bóris. (org.) **O Brasil Republicano - Sociedade e Política (1930-1964)**. São Paulo : Difel, 1981.
17. FENELON, Dea Ribeiro. **50 textos de História do Brasil** .São Paulo : Hucitec, 1974, p.157.
18. FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo : Ática/Coleção Século XX, 1995.
19. FICKER, Carlos.. **História de Joinville**. A Administração de Léonce Aubé, 1855-1860. Joinville : Ipiranga, 1964, p.201.
20. _____ . **História de Joinville**. Joinville : Ipiranga, 1964
21. FLORES, Maria bernadete Ramos. **Oktoberfest**. Turismo, festa e cultura na estação do chopp. . Coleção Teses, vol. III. Florianópolis: Obra Jurídica, 1997.
22. FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo : Loyola, 1996.
23. FOUQUET, Carlos . **O Imigrante Alemão e seus Descendentes no Brasil** . São Paulo: Instituto Staden, 1974, p.67.
24. FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil** . Rio de Janeiro : Fundo de Cultura, 1959.
25. GALVAN, Cesare Giuseppe. **Expansão Nuclear Alemã**: Estado, capital, mercado mundial. Florianópolis : UFSC./ Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 1988.
26. GERTZ, René. **O Fascismo no sul do Brasil**. Germanismo - Nazismo - Integralismo. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1987.
27. _____ . **O Perigo Alemão** . Porto Alegre : Ed. Da Universidade - UFRGS, 1991.
28. GOFFMANN, E. **Estigmas**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
29. HERKENHOFF, Elly. **Joinville**: nossos prefeitos - 1869-1903. Joinville: Fundação Cultural/Arquivo Histórico de Joinville, 1984.

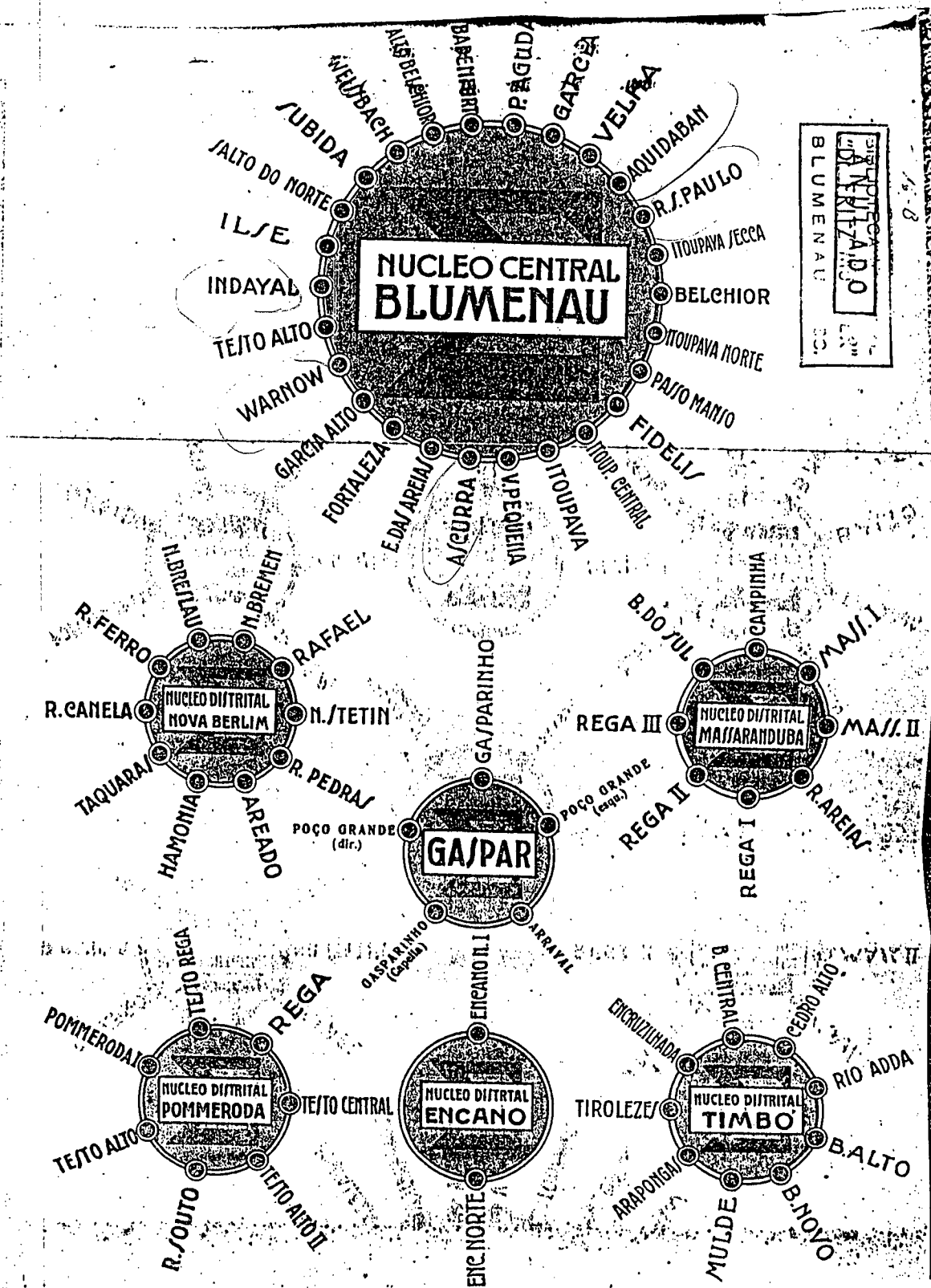
30. HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento.** Blumenau: FURB, 1987.
31. HILTON, Stanley E. **O Brasil e a crise internacional: 1930-1945** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
32. HUNSCHKE, Karl-Heinrich. **Der brasilianische Integralismus.** Stuttgart : Kohlhammer-Verlag, 1938.
33. KAHLE, Maria Siedler. Am Itajahy. Die Geschichte Einer Deutsch Brasilianischen Sippe n.t.: **Colonos do Itajaí.** História do grupo étnico Teuto-brasileiro.- Reutlingem, Ensslinn 7 Laiblin, 1940, p. 43.
34. KLUG, João. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina.** A comunidade alemã de Desterro. Florianópolis : Papa-Livro , 1994.
35. KUHENE, João. **O Punhal Nazista no Coração do Brasil.** O Integralismo Nazi-fascista em Santa Catarina.. Florianópolis : Imprensa Oficial do Estado, 1943, p. 108-128
36. LAFETÁ, João L. M. **1930: a crítica e o Modernismo** São Paulo: Duas Cidades, 1974.
37. LAZZARI, Beatriz Maria. **Imigração e ideologia: reação do parlamento brasileiro à política de colonização e imigração (1850-1875).** Porto Alegre : EST/UCS, 1980.
38. LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política.** Campinas : Papyrus, 1986.
39. _____. **Nazismo : o triunfo da Vontade.** 4. ed. São Paulo : Ática , 1994.
40. LENZI, Carlos Alberto. **Partidos e políticos em Santa Catarina.** Florianópolis : UFSC, 1983.
41. METZLER, Franz. **Es geht un Volkstum und Vaterland.** Porto Alegre : Cia. Metzler, 1936.
42. MOOG, C. Vianna. **Um rio imita o Reno.** Porto Alegre : Globo, 1939, p.85.
43. OBERACKER JR., Carlos H. **A contribuição Teuta à formação da nação brasileira.** Rio de Janeiro : Presença, 1968, p.310-311
44. OLIVEIRA, Franklin de . **A semana de arte moderna na contramão da história e outros ensaios.** Rio de Janeiro : Top Books , 1993.
45. ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso Fundador .** A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas : Pontes, 1993.
46. _____. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 4.ed. Campinas: Pontes, 1996.
47. PALLA, Marco . **A Itália Fascista.** São Paulo : Ática , 1996.

48. _____ **A Revolução de 1930.** Historiografia e História. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
49. PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas : Pontes, 1990.
50. PRADO, Antônio Arnoni. **1922: itinerário de uma falsa vanguarda. Os dissidentes, a Semana e o Integralismo.** São Paulo: Brasiliense, 1983.
51. RAUNEGGER, Hanz. **Volk und Staat.** Ijuí, Serra Post, 1937.
52. REMOND, René. **O século XX: de 1914 aos nossos dias. As conseqüências da guerra - os regimes políticos.** 2. Ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
53. RIBAS, Antônio Lara. **O punhal nazista no coração do Brasil.** Florianópolis: Imprensa Oficial, 1943.
54. _____ **O Nazismo em Santa Catarina.** Delegacia de Ordem Política e Social. Florianópolis : Imprensa Oficial, 1944.
55. RICHTER, Klaus. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau.** Florianópolis : FCE/UFSC. Joinville : FCJ, 1992.
56. RODOWICZ, Theodor. **A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil.** Florianópolis/Joinville: UFSC/FCC/FCJ, 1992.
57. SALGADO, Plínio. **A doutrina do Sygma.** São Paulo : Verde-Amarelo , 1935.
58. _____ **A Liberal Democracia.** São Paulo : vol. IX, Ed. das Américas, 1955.
59. _____ **A Quarta Humanidade.** Rio de Janeiro : José Olympio, 1934.
60. _____ **Despertemos a Nação.** Rio de Janeiro : José Olympio, 1935, p. 05.
61. _____ **O Integralismo Brasileiro perante a Nação.** Lisboa : Oficina Gráfica, 1946.
62. SANTOS, Roselys Isabel Corrêa dos. **A Colonização Italiana no vale do Itajaí-Mirim** Florianópolis : Lunardelli, 1981.
63. SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica.** Florianópolis : FCC, 1981.
64. _____ **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília : Unb, 1990, p. 82.
65. _____ **A Colonização Alemã no Vale do Itajaí - Mirim.** Porto Alegre : Movimento, 1974.
66. SILVA, Hélio. **1938: terrorismo em campo verde. O ciclo de Vargas.** vol. X. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964
67. TERNES, Apolinário. **História Econômica de Joinville.** A consolidação de um status / A Elite do começo do século. Joinville: ACIJ, 1986, p.78-9.

68. _____ . **História de Joinville, uma abordagem crítica.** Joinville : Meyer, 1984
69. TRINDADE, Héliqio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30.** 2.ed. São Paulo: Difel, 1979.
70. VEIGA, Luiz M. **A Coluna Prestes.** São Paulo: Scipione, 1992.
71. VESENTINI, Carlos Alberto. **A teia do fato.** São Paulo: Hucitec, 1997.
72. WILLEMS, EMÍLIO. **A Aculturação dos alemães no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- 73.. _____ . **Assimilação e Populações Marginais no Brasil.** São Paulo: Nacional, 1940.

ANEXOS

Anexo 01. Gráfico Crescimento do Integralismo, em 1934	94
Anexo 02. A Fundação do Núcleo Integralista em Joinville	95
Anexo 03. O Núcleo Integralista e a sessão na Liga de Sociedades	96
Anexo 04. O novo chefe integralista em Joinville	97
Anexo 05. O Movimento Integralista em Joinville	98
Anexo 06. Joinville: cidade integralista?	99
Anexo 07. A solidariedade do prefeito integralista	100



DIRECTOR
AURINO SOARES

A NOTICIA

XIII - Numero 1731
la avulsa 200 réis

Joinville 12 de Maio de 1934

ASSIGNATURAS: Anno 40\$000
Semestre 25\$000

Acção Integralista

Conforme anunciamos, teve lugar hontem, ás 20 horas, na Liga das Sociedades a respectiva reunião para se fundar um nucleo Integralista nesta cidade.

Compareceu um grande numero de pessoas que procuram ingressar nas fileiras dessa grande organização.

Falou o Sr. Ernani Bessa que convidou para presidir aos trabalhos o Sr. Aristides Largura ao qual nomeou para secretario o Sr. José de Carvalho Ramos e para resgal o Sr. Jovino Franpa.

Causou surpresa a presença do dr. Placido Gomes.

O Nucleo Integralista e a sessão de ante-hontem na Liga de Sociedades

Conforme fora anunciado, reallsou se ante-hontem ás 20,30 horas na Liga de Sociedades uma sessão extraordinaria promovida pelo Nucleo Integralista de Joinville, para a posse do chefe Municipal do Nucleo e uma homenagem ao grande medico dr. Miguel Couto. Presidiu a sessão o sr. José de Carvalho Ramos, que convidou o sr. Aristides Largura a tomar posse do cargo de Chefe Municipal do Nucleo Integralista, de accordo com a nomeação feita pelo Chefe provincial dr. Gama D'Eça. Apóz a posse de seu cargo, o sr. Aristides Largura improvisou um eloquente discurso que causou a melhor impressão. A seguir o sr. Largura deu a palavra ao sr. Antonio Baptista, que também pronunciou palavras de estímulo aos seus camaradas. Terminado esse discurso, falou o sr. Ernani Bessa, que encerrou a primeira parte do programma que se constituiu da sessão allusiva á posse solemne do Chefe Municipal do Nucleo Integralista.

Em seguida o sr. Aristides Largura convidou a tomarem parte na mesa os srs. drs. Guilherme Luiz Abry e Oswaldo Cabral, iniciando-se a segunda parte do program-

ma, com a brilhante homenagem ao saudoso clinico dr. Miguel Couto, tendo o sr. João Roberto Moreira em vibrante discurso traçado a biographia do illustre cientista morto.

Finalisou o seu discurso, convidando os presentes a permanecerem de pé em silencio por alguns segundos, em homenagem ao dr. Miguel Couto. Teve a palavra a seguir, o sr dr. Oswaldo Cabral, que fez uma interessante e longa apologia sobre a vida do grande sabio e cientista dr. Miguel Couto.

A oração do dr. Oswaldo Cabral causou magnifica impressão, foi fartamente applaudida.

Para encerrar a sessão, o sr. Aristides Largura, Chefe Municipal dos Integralistas convidou aos demais collegas a entoarem de pé o Hymno Nacional, com a saudação da agremiação. Estiveram presentes á sessão diversas autoridades municipaes, pessoas de destaque e a imprensa local.

INTEGRALISMO

TEM NOVO CHEFE O NUCLEO DE JOINVILLE

Realizou-se hontem, á noite, na Liga de Sociedades, a reunião semanal dos integralistas, transcorrendo em ambiente de intensa vibração.

Aberta a sessão e depois de ter sido cantado o hymno Ergue-te, Mocidade, usou da palavra o sr. Aristides Largura, que se despediu dos «camisas-verdes», visto estar de partida para outra cidade do Estado.

Foi um momento de emoção.

O distinto integralista, que ha 2 mezes se achava na chefia do Nucleo de Joinville, trabalhando com intelligencia, denodo e patriotismo, produziu oração serena e brilhante, que foi, por diversas vezes, interrompida por applausos vibrantes.

Concoitou os integralistas a proseguirem a jornada, com a fé e a abnegação de sempre, unidos e disciplinados, para o bem da Patria.

Depois de fazer considerações sobre a marcha victoriosa do integralismo neste Municipio e no Estado, S. S. terminou a magnifica oração, passando, logo após, o exer-

cio das funções do Chefe do Nucleo Integralista de Joinville ao sr. dr. Rocha Loures.

Falou, então, o sr. Ernani Bosas, fazendo elogio do chefe que partia.

Falou, depois, o dr. Rocha Loures, visivelmente commovido, agradecendo as referencias feitas á sua pessoa e promettendo despende o melhor do seu esforço e da sua boa vontade para levar avante a obra magnificamente encetada, para a felicidade do Brasil.

Depois de curto silencio, falou o sr. J. de Carvalho Ramos, que em nome dos integralistas de Joinville externou a satisfação do Nucleo e promettendo a fidelidade de todos ao novo chefe.

Por fim usou da palavra o miliciano Alberto Andrade, que saudou os srs. Largura e Rocha Loures.

Em seguida teve lugar a tomada de inscripção de 10 novos adeptos da causa.

Terminada a sessão, os integralistas formaram para um desfile, que se realizou, pelas principaes ruas da cidade, em homenagem ao ex-chefe.

2ª pagina

O movimento integralista no Município de Joinville

Para São João do Palmital seguiram sabbado ultimo, em excursão de propaganda, os snrs. José de Carvalho Ramos, dr. J. da Rocha Loures, Eugenio Gilgen e varios outros companheiros.

Em Rio Bonito incorporaram-se á comitiva 40 milicianos, inclusive o chefe do sub-Nucleo.

A viagem foi feita na maior vibração.

A sessão civica que se realizou, á tarde, em um salão de S. João, foi grandemente concorrida, usando da palavra diversos dos excursionistas, que explicaram ao povo as bases sobre as quaes se assenta o nosso movimento.

Terminada a sessão, com a instalação do sub-Nucleo de S. João do Palmital, foram tomadas as inscrições de 22 novos adeptos da doutrina do Sigma.

NUCLEO DE PEDREIRA

Em todo o Município de Joinville o movimento integralista tem tomado, nestas ultimas semanas, enorme incremento.

As inscrições avultam dia a dia. E' uma avalanche que ninguem poderá deter. Todos os joinvillenses bem intencionados e patriotas se sentem

fundamente empolgados pela causa nacional. O Integralismo é hoje, realmente, a maior força do Município.

O Nucleo de Pedreira é um dos que se acham em franca actividade. Contamos, ali, com companheiros leaes e esforçados, que toem sabido realizar uma propaganda inteligente e efficiente.

O chefe districtal de Pedreira, snr. Eugenio Gilgen, tem norteado o movimento com muita atenção e carinho.

Ainda ha dias em uma sessão realizada no Salão Rudolpho Schramm, no kilometro 9, nada menos de 13 joinvillenses entraram para as hostes do Sigma.

O Nucleo de Pedreira conta hoje com **308** Camisas-Verdes disciplinados e dispostos para a luta.

Estão subordinados ao Nucleo de Pedreira, a Estrada Tres Barras, com 70 milicianos e o sub Nucleo do kilometro 21 da Estrada D Francisca, com 135.

As reuniões se realizam todas as terças-feiras, no Salão Birckkolz.

E' desta maneira, com essa cohesão, essa disciplina e esse onthusiasmo formidavel, que o Integralismo desafia e confunde os seus detratores.

Joinville - cidade integralista?

Todos devem estar lembrados ajuda daquelle senhor que andou pela cidade arruando aos integralistas locais no Theatro Palace.

Pois bem, aquelle mesmo senhor, que recebeu da Prefeitura a importancia de 600\$000, segundo publicação official allusiva, para o fim especial de adquirir material escolar para o municipio e organizar programmas de ensino, não faz multos dias, occupando abusivamente o microphone da Radio Nacional, na Hora do Brasil, encheu os pulmões para berrar aos quatro pontos collateraes que Joinville, esta mesmíssima Joinville, (que estes olhos que a terra ha de comer, estão enxergando todos os dias), E' CIDADE INTEGRALISTA e é, mesmo, um modelo de administração! (E' BEM DE VER QUE DE ADMINISTRAÇÃO INTEGRALISTA!)

Com todas as suas ruas esburacadas, valletas «côo aberto», fôcos de miasmas, cavallhada solta pelas ruas durante a noite, depredando os logradouros publicos, iluminação publica deficiente, perfeito e irremediavel descontrolo do transito de vehiculos, etc., etc., esta nossa nobre e lastimavel cidade, pela «generosidade» daquelle cidadão, vem de passear pelo mais garrido o felizes «bibelots» que enfeitam artisticamente o «boudoir» ca tharineuse.

Modelo de administração! Nada mais exacto. Perfeito e completo modelo de ADMINISTRAÇÃO INTEGRALISTA, principalmente para quem faz média de abocanhar mais 600\$000 (?) quando de sua proxima visita...

Sabem muito bem os camisas verdes locais porque foram elevados ao governo do municipio.

Não ignoram que, talvez a metade do eleitorado que lhes

deu a victoria, não era integralista e não o é até agora.

Mas, apesar disso tudo, vamos a cidade integralista que é Joinville.

Sua população não é inferior a 20 mil habitantes, quer queira, quer não queira a estatística «manqué», usada ha tempos, aqui, pelos camisas verdes.

O alistamento eleitoral encerrado no dia 24 do corrente consigua o numero total de 8.127 qualificados.

Deste numero, por isso que muitos alistados não se inscreveram eleitores, deve ser descontada uma parcella infima, que reduzirá nosso eleitorado para a somma aproximada de 7.500.

Destes 7.500 eleitores, os plinianos contam com segurança 3.000 votos.

Reduzindo deste seu eleitorado firme, 5% representado por aquelles que não possam comparecer às urnas devido diversos motivos, restará o total de 2.850 votos. Nem mais, nem menos!

Ora, contando com essa flagrante minoria de opinião publica, num eleitorado de 7.500 componentes, perguntamos nós: Joinville, será mesmo uma cidade integralista, conforme apregoam os arautos a serviço do Sigma?

Facil à deduzir-se a resposta. Mais facil, ainda, é pensar-se que, ante a eloquencia muda mas expressiva das cifras, o integralismo local tem que se curvar dolorosamente. (Da «A Noticia», de hontem)

A solidariedade do Prefeito Integralista

O professor prefeito Aristides Largura, enviou ao exmo. Dr. Nerou Ramos, Governador do Estado, o seguinte telegramma:

JOINVILLE, 12 — Acuso e agradeço a comunicação de que o Governo Federal promulgou a nova Constituição, dissolvendo Senado, Câmara, Assembleias Legislativas e Camaras Municipais. Interpretando sentimento população este município apresento, por intermédio v. excia., minha integral solidariedade ao novo Governo. Cordiais saudações. Aristides Largura, Prefeito Municipal.

Como vem os nossos leitores este telegramma foi passado na sexta feira. Sómente quando o prefeito professor, viu que o golpe de Estado não tinha sido dado por ordem de Plinio como primeiramente julgavam os adeptos do sigua.

Reproduzimos também os telegrammas que foram passados ao Dr. Nerou pelos prefeitos integralistas de Blumenau, Jaraguá e Rio do Sul.

BLUMENAU 12. — Acuso recebimento seu telegrama e agradeço comunicação haver Governo Federal promulgado nova constituição.

Alberto Stein, Prefeito.

BRASILEIRO! NO DIA DO CULTO Á TUA BANDEIRA SIMBOLO DA TUA PATRIA. OSTENTA NA TUA LAPELA AS CORES NACIONAIS!

MOTORISTA! ORNAMENTA O TEU CARRO COM AS CORES DO NOSSO PAVILHÃO NO DIA EM QUE A PATRIA O FESTEJA!

JARAGUA' 12 — Acuso recebimento telegrama n. 1.343 do qual tomei devido conhecimento. Respeitosas saudações — Leopoldo A. Gerent, Prefeito.

RIO DO SUL, 12 — Acuso a comunicação telegráfica de v. excia. de ontem, atitude tomou Governo Federal promulgando nova Constituição e dissolvendo Camaras e Senado. Acredito tal medida visio exclusivamente bem de nossa querida pátria, que para tal colaborei envidando todos os meus esforços pelo Brasil e pela tranquilidade da nação. Saudações. Mateus Conceição, Prefeito Municipal.

— o —

Como se ve, o professor Largura, não tem nenhuma vontade de deixar o 'osso' que abiecoitou.

Pudera... um emprego de 1:200\$000 etc... nos biecudos tempos que ntravessamos, não é para desprezar, pois não é com facilidade que se consegue outro igual.